COMEDIA
INTITULADA:
O CAPITAÕ BELIZARIO.

ACTORES:

Justiniano.
Narcete.
Honoria.
Belizario.
Decio.
Soldados.
Filippe.
Porcia.
E Acompanhamento.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO SABINO DOS SANTOS.

M. DCC. LXXVII.

Com licença da Real Meza Censoria.

ACTO I. SCENA I.

Atrio. *Justiniano sentado no Throno, Narcete, Decio, Filippe, e Soldados.*

Just. Cidadaõs de Bizancio, o nosso Heróe
Chegà cheio de pálmas, e de glorias:
Elle teve ó trabalho das Conquistas,
Nós gozamos os fructos das victorias;
Mais naõ levantará o sudáz Persa
A orgulhoza cabeça; antes raivozo,
Por ver em nós triunfo taõ sublime,
Morde a ferrea prizaõ, q̃ o pé lhe opprime;
Em mim vedes, fieis, o Senhor vosso;
Mas respeitar deveis em Belizario,
Instados de hum amor profundo, e serio,
O Nume Tutelar do nosso Imperio.
Com prudencia, e valor minha honra augmenta:
Se eu dicto as justas Leis, elle as defende;
E se eu impunho o Ceptro, elle o sustenta:
Suas grandes proezas todas cedem
Em vosso abono, e recompensa pedem;
Naõ sejamos ingratos: jurai todos
De observar minha Lei no grãde emprego;
Para que hoje o destino;
Pois he dá vossa fé credor, e digno
Quem por nos augmentar honra, e Estado
Tem seu illustre sangue derramado;

Narc. Justiniano Augusto,
Tua Regia vontade applaudo, e sigo;
Como prudente Lei, Decreto justo:
Engrandece, Senhor, grato, e benigno
A o nosso invicto Heróe; mas naõ ha premio,
Que a seus meritos seja ja condigno.
De ser jámais às tuas Leis perjuro,
Juro aos Numes do Ceo, e a ti o juro.

Dec. Pela Milicia juro, que cumpridos
Seraõ os teus Decretos, merecidos
Do nosso invicto Heroe.

Fil. (Que inesperado lance! A Belizario
Ha de engrandecer mais meu juramento!
Hei de forças prestar ao meu contrario
Com minha injuria, e meu abatimento!) *á p.*

Just. De Narcete se siga o nobre exemplo;
Filippe, jura tu.

Fil. (Que farei! Deozes!)

Just. Irado, e pensativo te contemplo!
Tu duvidas jurar!

Fil. Eu... Senhor...

Just. Basta:
Teu silencio comprehendo;
Jura, ou treme.

Fil. (Oh que scena fatal!)

Dec. (Odio respira!)

Just. Naõ te demores mais.

Fil. Sim, juro a lei
Observar do teu mando. (E da minha ira.) *jura.*

Just. Meus Vassallos ponderem como grato
Sei de Heróes premiar acçoēs famozas,
Movel precizo, q̃ sustenta os Sólios,
E estimula a emprezas gloriozas.

Belizario em carro triunfal, Gregos com estandartes arvorados, e Persas com cadeias, e bandeiras arastadas ao som de marcha.

Invicto Defensor do Grego Imperio;
A gráo taõ alto sobem tuas proezas,
Que ainda premiando fica escassa
A Regia maõ nas liberais grandezas.
Sei que he premio aos Heróes o nome honrado
Das illustres acçoēs: sei que teu peito
A's glorias dos triunfos costumado,

Dos premios das victorias naõ se infláma:
Porém fim do brazaõ da immortal fama:
Mas que dirá o mundo, se dilato
A taõ raras virtudes recompensa,
Culpando-me teus meritos de ingrato!
Premiar-te hoje quero, o mais que póde
A Regia autoridade; pois he justo,
Que reconheçaõ teus merecimentos
Este Povo fiel, e o teu Augusto.

Bel. Muito, Senhor, disseste; e muito fico
Com teus grandes louvores premiado.
Oh naõ queiras ver mais com tantas honras
Em meu semblãte a cor de envergonhado!
Que fiz eu, que mereça estas faustozas
Pompas, a que me elevas, se o triunfo
He fructo das tuas armas valorozas,
E naõ do meu valor! Que audaz naõ troca
A intrepidez em vergonhozo susto
Destas faustas insignias na prezença;
Ouvindo proferir teu nome Augusto!
Vencer, Senhor, sem vêr ao inimigo
Dos Cezares brazaõ he muito antigo.
Este carro triunfal, e estes applauzos
Devidos me naõ saõ: e se te he grato
O pouco, que te sirvo, só te imploro
Me tires deste béllico apparato.

Just. Desce, fiel amigo: occupar vem
Lugar condigno ao teu merecimento!

Nar. Oh magnanimo Heróe!

Fil. (Inda naõ basta
Taõ soberbo, e vaidozo luzimento!
Té donde intentará mais sublimá-lo!) *áp.*

Just. Vem a meus braços, meu fiel amigo.

Bel. Tanta honra, Senhor, a hum teu vassallo!

Just. As illustres victorias, que comsigo,
Saõ fazonados fructos
Da prudencia, e valor, de que te adornas:
Repartamos entre ambos os tributos
Das rendidas Naçoẽs: e para abono
De huma bella uniaõ, Bizancio veja
Com respeito dois Cezares n'um Trono!
De raivoza se morda a torpe inveja,
Prostrando a nossos pés seus vis effeitos:
Vendo que hum coraçaõ, e huma vontade
Com reciproco amor vive em dois peitos.
Vámos, fiel amigo.

Querendo conduzi-lo ao Trono.

Bel. Por piedade . . . . .

Recuzando com humildade.

Nar. Sóbe, sóbe, Senhor, que este luzido
Apparatõ, que vez, e o mesmo Trono,
Saõ justo premio a teu valor devido.

Bel. Em ti, Narcete, falla da amizade
A intrinseca paixaõ.

Fil. (Ceos! E me callo!)

Bel. O Ceptro, o Trono, e as Imperiaes Insignias
Jamais foraõ devidas a hum vassallo:
Ah Senhor! se he verdade, que me estimas,
Teus favores modéra: eu mais naõ quero
Para minha grandeza, e minha gloria,
Que esta final do teu amor sincéro.

Beija-lhe a maõ.

Just. Se queres obrigar-me, Belizario;
A que naõ te premea, de taõ altas
Virtudes naõ te adornes; pois conheço;
Que nesse submissaõ muito te exaltas:
Sóbe ao Trono comigo: assim to peço;
E se naõ te convences dos meus rogos,
Obedece a teu Cezar: ao Trono sóbe.

Nar. (Que responde o Heróe!)

Fil. (Ah! que rezolve!)

Dec. Com justiça, Senhor, he premiado
O nosso Defensor: o Povo o approva;
E do applauzo geral já soa o brado. *tocaõ.*

Just. Oh como a tua grande heroicidade
Se faz resplandecente na humildade!
Tu serás a meu lado do Orbe susto.

Leva-o para o Trono.

Nar. Oh Grande Imperador!

Fil. (Cezar injusto!)

Bel. A teus rógos, Senhor, e a teus preceitos
Igualmente Sagrados, reverente
Dobro humilde os joelhos, e a cabeça,
Qual vassallo fiel, e obediente. *sóbem.*

Just. Meus vassallos fieis, entronizado
Vedes aquelle Heróe, cujas proezas
Tem Reinos, e Reinantes subjugado;
Aquelle, que os triunfos, com os dias
Da sua vida conta: e que tem sido
Do Persiano audaz nosso contrario
Sevéro domador; o Forte Escudo
Do meu Imperio; o Grande Belizario!
Com este nome invicto digo tudo.
Por elle a vossa fé já empenhada
Está com juramento: este se cumpra;
Como preceito justo, e Lei Sagrada:
Declarado por mim Rei dos Romanos:
Tendes o vosso Heróe: eu vos seguro;
Que he digno da eleiçaõ; nenhum se opponha,

Se naõ quer ser ingrato, impio, e prejuro.
Fil. (Ceos! eu jurei; que fiz! minha desgraça
Se vai aporpinquando! eu enlouqueço:
E de ira o coraçaõ se despedaça!) *d p.*
Dec. (A que furia o transporta a iniqua inveja!) *d p.*
Just. Filippe, immudeceste?
Fil. He muito injusta.
Cezar, a tua Lei: eu, que nas vêas
Sinto o sangue correr da Prole Augusta,
Devo hum Trono ceder, que se me nega!
Devo ser preterido de hum soberbo,
Que a fortuna proteje como cega!
Minha razaõ he grande; e em fim, se ó Povo
Socegado o consente, eu naõ o approvo.
Just. Reprime taõ indigno atrevimento:
Observa a minha Lei, a que te obriga
Teu mesmo juramento.
Fil. Senhor,
Hum juramento inconsiderado
Naõ deve ter vigor: os mesmos Numes,
Que em defender o justo tem cuidado,
Absolvem a minha fé.
Just. E eu naõ te absolvo:
Saberei castigar taõ grande orgulho,
Se naõ cederes ja.
Fil. Naõ me rezolvo
Huma Coroa ceder, que me pertence.
Just. Temerario!....
Bel. Senhor, reine Filippe;
Que he mais digno do que eu: elle me exede
Por sangue, e por valor: tua amizade
Mais grata he para mim, que a Magestade;
Eu te supplico.....
Just. Baste: eu sou Juiz
Das acçoẽs más, ou boas dos vassallos:
Os que saõ delinquentes, sei punillos;
Os que meritos tem, sei premiallos.
He justiça comtigo esta grandeza:
Com Filippe o rigor será justiça,
Se naõ ceder da pérfida altiveza.
Meus Decretos respeite, ou seu destino
Tremer o faça, os braços entregando
A's vis cadeias, como réo indigno.
Fil. Meu brio, meu valor, minhas idéas
Naõ se abatem com tuas ameaças:
Os braços aqui estaõ, pelas cadeias
Já intrépido espero; que desgraças
Posso sentir maiores, que ó castigo
De ver entronizado este inimigo!
Mas assuste-se, e trema o Heróe famozo;
Que ainda prezo, e abatido,
Em mim tem hum contrario poderozo.
Just. Ohlá, Soldados, seja
Dezarmado o soberbo: encarcerai-o
N'uma escura prizaõ.
Fil. Minha vingança....
Just. Levai-o.
Bel. Senhor, perdoa. *desce do Trono.*
Just. Que fazes, Belizario!
Fil. Ao destino fatal por força cedo;
Porèm naõ do direito da Coroa:
Eu turbarei a paz deste orgulhozo,
Em quanto respirar.
Bel. (Ao furiozo
Quero mostrar, que a hũ coraçaõ sincéro
Naõ predomina a inveja.) Ambiciozo
Me naõ foi deste Sólio a Magestade;
Só dezejo imitar a Heroicidade:
Nasci vassallo illustre, e me contento
(Com singeleza fallo.)
De que o Ceo me fizesse teu vassallo;
Dando-me taõ distincto nascimento.
Sacia a ambiçaõ com os usanos *a Fil.*
Dezejos de reinar: foge à desgraça.
Conserva-me, Senhor, na tua graça; *a Just.*
E seja quem quizer Rei dos Romanos.
Just. Quanto mais generozo, e humilhado;
Cédes do premio aos teus merecimentos,
Fazes esse atrevido mais culpado.
Aprende de seus nobres sentimentos *a Fil.*
A servir, e a agradar a o teu Augusto;
Serás digno do Trono, que pertendes;
Como o he Belizario, a quem offendes.
Fil. Huma alma vil do Ceptro ambicioza
As artes de enganar sabe, affectando
Da humildade a virtude, que naõ goza:
Tal he este soberbo, que remonta
Sobre os meritos meus a sua idéa;
Mas tema, que se quebre esta cadeia;
Que eu saberei vingar a minha affronta.
Vai-se com Soldados, e Decio.
Just. Em seu castigo veja o temerario
Como se aggrava Justiniano, quando
Seu coraçaõ se offende em Belizario.
Bel. Senhor, tua magnanima piedade,

A que

A que chámas justiça ; me segura
Conseguir huma dadiva, que peço,
Se tanto esperar posso da ventura.

Just. Que queres ? dize já ; que em dezempenho
Do quanto a teu respeito exercer possa,
Minha palavra, e minha fé empenho.

Bel. De Filippe te peço a liberdade ;
E seja esta, Senhor, a recompensa
Das fadigas da guerra.

Just. A alma suspensa
Me deixa a tua supplica!

Bel. Ah! perdoa.

Just. He grande o teu excesso !

Bel. He, Senhor, compaixaõ.

Just. E em fim, empenhas
Teus meritos credores de huma Coroa,
Pelo teu offensor ?

Bel. Mais nada peço.

Just. Nẽ eu mais me demoro em conceder-te
Hum perdaõ, que devia a outro negar-se:
Veja o soberbo, com sua injuria, o como
Hum verdadeiro Heróe sabe vingar-se.
Vai, Narcete, dezata-lhe as cadeias,
E lhe dize, que a sua liberdade,
Mais do que pia acçaõ do seu Augusto,
De Belizario foi terna piedade.

Nar. Mensageiro feliz da tua gloria
Me apresso, publicando a acçaõ illustre ;
Que unico te fará na eterna historia. *vai-s.*

Just. Vai com tua prezença respeitavel
Alegrar os amigos, e os parentes,
E a todos admirar : que as acçoẽs tuas
Alegra aos bons, soffoca aos maldizentes :
E depois do repouzo, que precizas,
Vem, amigo fiel, vem ajudar-me
Com teu conselho saõ, prudente, e serio;
A sopportar o pezo deste Imperio. *vai-s.*

Bel. A repouzar me manda o meu Augusto :
Mas qual descanço posso ter, se ainda
Naõ vejo a minha Porcia ? Ah, que de susto
Desmaia o coraçaõ ! com que motivo
Me negará a ingrata o seu semblante,
Assistindo em Palacio ? oh quanto temo,
Que a auzencia lhe mudasse o ser de amante ?
O seu amor, a sua maõ; a posse
De seus ternos agrados só podiaõ
Coroar minha victoria ;
Mas o temor de huma mudança injusta

Vem sahindo Onoria.

Me offusca todo o bem. Oh Ceos! Onoria
Com vagarozos passos se encaminha
A fallar-me talvez : parto a buscalla,
Que assim o pede o respeito,
Que devo á que ha de ser minha Rainha.
Oh, queira o Ceo, que extincta no seu peito
Esteja a antiga chāma,
Que póde ser funesta à minha fama !

Sahe agora Onoria.

Ono. A ó mais forte, e invicto Heróe,
Que respeita o mundo todo,
Que adora Roma, e Bizancio,
Como defensor gloriozo,
Justo he, que tambem Onoria,
Ao som dos clarins sonoros,
Com seus eccos acompanhe
O popular alvoroço :
Proferindo com festivos
Vivas, este nome Heroico
De Belizario. (Melhor
Dissera de hum aleivozo.)

Bel. Saõ da fortuna benigna ;
Augusta Onoria, os meus Louros :
Ella os deu ; e póde adversa
Tirallos do mesmo modo :
E naõ me admirarei muito
Da mudança ; porque noto,
Que he mulher cega, e variavel ;
E que os seus bens duraõ pouco :
Para me naõ fiar nella,
Prudentemente revolvo
Nos cadernos da memoria
Os sucessos lastimozos
De muitos Heróes, que foraõ
Da sua grandeza opprobrio ;
E aos mais applauzos, Senhora ;
Com o silencio respondo.

On. (Ah, que ainda no coraçaõ
Me accendem de amor o fogo
As expressoẽs deste ingrato,
Que inda com ternura adoro !
Em vaõ procuro vencer-me :
Quero vingar-me, e naõ posso.) *á p.*
Ah querido Belizario !

Ou

Ou fallando; ou silenciozo,
Sempre he para mim, ingrato,
Agradavel o teu rosto:
E se nasce o teu silencio
De respeito, deixa todo
Esse vaõ temor, e aprende
Com meu affecto extremozo
A fallar livre: pondéra,
Que este excesso naõ he novo;
E que a queixar-se de ti
Sabe pela vós, e os olhos.
Ora dize-me, cruel,
Se inda em teu peito aleivozo
Tem Onoria algum lugar:
Bel. (Oh Ceos! que tiranno encontro !)
Ono. Ah! falla; naõ immudeças,
Bel Qual vassallo respectuozo,
(Pois me obrigas a que falle)
A's tuas queixas respondo:
Amei-te, hé verdade; e só
Hum rival taõ poderozo,
Como o meu Augusto, fora
Da minha esperança estorvo;
Soffoquei os meus affectos;
Fugi de ver mais teu rosto;
Por que nem meus pensamentos
Na prezença de teus olhos
Irreverentes faltassem
Do meu Monarca ao decoro:
Julguei que como prudente
Fizesses o mesmo esforço,
Naõ me tornando a fallar
De hum amor escandalozo:
Naõ mais, Senhora, naõ mais
Nos lembrem affectos loucos:
Do teu, e do meu Senhor
Sou da gloria mui zelozo;
Pois com credito de honrado
Me sei vencer a mim proprio.
Ono. Essa fantasma, a que chamas
Honra, demitte; e se és douto,
Vê, que ella a timidos peitos
Prohibe empenhos heroicos:
A honra em acçoés occultas
Naõ padece dezabono;
E ainda quando sabidos,
Saõ os conceitos dos outros
Os que as fazem más, ou boas;
Como naõ sejaõ notorios
Nossos extremos, naõ ficaõ
Ao Cezar injuriozos;
Nem tua fé no seu conceitô
Padece o mais leve opprobrio.
Bel. Que indigno fallar he esse,
Que de ouvir-te me envergonho!
Falsos principios na escóla
Da honra aprendeste; pois noto;
Que naõ conheces seus timbres,
Pois os estimas taõ pouco.
A' honra, que he d'alma illustre
Ornato bello, e preciozo,
Chamas fantasma! perdoa,
Que disfarçar-te naõ posso
Hum erro, que offende ao Ceo;
Sendo ao mundo injuriozo.
Eu deixo de ser honrado,
Porque os conceitos dos outros
O naõ erem: A mim me basta,
Por consolaçaõ do que obro,
Que a minha candida fé
Seja patente a mim proprio.
O delicto sempre he feio,
Inda naõ sendo notorio:
O infeliz delinquente
Passa em sustos, e desgostos
O resto da triste vida;
Naõ move os cançados olhos
A parte alguma, onde naõ
Lhe figure o medo logo
Huma viva testemunha
Do seu delicto horrorozo:
Apenas dorme, o dispertaõ
Tristes imagens de sonhos:
E por fim, em quanto vive
Tem, com martirio penozo,
Por accuzadores féros,
Os seus continuos remorsos.
Ono. Que mal compensas, ingrato,
Meus excessos amorozos!
Eu por ti, (triste amor!) tenho
Demorado o meu consorcio;
Por ti deixaria a Patria,
E me seriaõ gostozos
Os rusticos exercicios,
Tendo-te por meu espozo;
Por hum humilde faial
Trocára os Regios adornos;
Pobre cabana, seria
Meu Palacio sumptuozo;
E hum rustico madeiro

O meu

O meu elevado Trono;
E tu, ingrato.....
Bel. Naõ mais
Com pensamentos taõ loucos
Horrorizes meus sentidos:
Tremo do que tens proposto:
Pois até me julgo réo,
De ouvir os teus dezacordos:
Gozar me deixa innocente,
(Por piedade te rogo)
Os generozos affectos
Do meu Monarca piedozo.
Ono. Naõ gozarás, naõ, traidor.
Bel. Esse nome me he improprio.
Ono. Quem meu amor naõ merece,
Merecerá o meu odio:
A fé, e a honra, que affectas,
Talvez te sirvaõ de pouco:
Saberei fazer-te réo,
A pezar do mundo todo.
Bel. Naõ teme hum peito fiel,
De hum coraçaõ cavilozo
Os enganos: da innocencia
Saõ os Numes poderozos
Protectores.
Ono. E desprezas
Quem por ti despreza hum Sólio?
Bel. Assim minha honra o pede.
Ono. Ah vil! de iras me soffoco!
Quanto me foste agradavel,
Me serás féro, e odiozo.
Bel. Mais que o teu odio implacavel;
Me indigna o teu amor louco.
Ono. Em vaõ chorarás, tiranno,
Os desprezos que hoje choro.
Bel. Nunca me arrependerei
Da pura fé com que me honro.
Ono. Juro que me hei de vingar.
Bel. Livrar-me-haõ os Ceos piedozos.
Eno Naõ faltarà hum traidor,
Que me vingue.
Bel. Desses monstros
De perfidia, nunca faltaõ,
Para sociar com outros.
On. Morrerás.
Bel. Mas innocente.
Ono O mundo sabe bem pouco;
Se és innocente, ou culpado.
Bel. Porèm ao Ceo he notorio:
E com saber que elle o sabe,
Me glorẽo; e me consolo.
Ono. Vai-te, infame, que és indigno
Da prezença dos meus olhos.
Bel. Indigno seria, oh féra!
Se faltando ao decorozo
Respeito do meu Augusto
Fosse do teu crime socio. *Vai-se.*
Ono. Vai, audaz, que pouco tempo
Te ostentarás vaidozo,
Por desprezar meus affectos:
Vai ser infeliz despojo
Da minha implacavel ira:
Ja de ti me naõ condoo;
Pois os instantes, que vives;
Me saõ annos de disgostos.

Sahe Porcia.

Por. Póde-me ser permittido,
Que beje a maõ Soberana
Da minha Augusta?
Ono. Porcia, inda
Naõ gózo dita taõ alta.
(Esta serà o instrumento
Da minha acerba vingança.)
Por. Sei que para o novo dia
Teu hymeneo se prepara,
E quero-me anticipar
Na sujeiçaõ de vassalla.
Permitte, Senhora... *Ajoelha.*
Ono. Espera:
Primeiro da minha graça
Te mostra crédora, e digna;
Jurando com fé exacta
Guardar inviolavelmente
Os segredos da minha alma.
Por. Aos Numes Celestes juro
De ser fiel Secretaria
Dos teus segredos.
Ono. E julgas,
Que deves a quem me aggrava
Aborrecer?
Por. Que atrevido
Pode conceber a audacia
De offender a eleita Espoza
Do seu Augusto Monarca?
Ono. Em fim, que estou offendida
Te expresso: se ser-me grata
Queres, procura vingar-me,
Serás mais affortunada.

Por. Pois para dezaggravàr-se
Depende de huma vassalla
A que domina hum Imperio?
Ono. Sim.
Por. O aggressor declara.
Ono. Como vingar-me promettes,
To declaro: mas repara,
Que este objecto do meu odio
He dos teus affectos a cauza:
E que o excesso de deixallo
Fará violencia á tua alma.
Por. Triste de mim!
Ono. Ja comprehendes?
Por. Eu... Senhora....
Ono. Tu desmaias?
Vè que te he precizo armar
O coraçaõ de constancia,
Para cumprir meus preceitos:
Evita a tua desgraça,
E naõ te importe hum traidor,
Que aborreço: sei, que o amas;
Que elle quer ser teu Espozo:
Más pondera-me empenhada
Em vingar os meus aggravos,
Com frustrar as esperanças
Do vosso amor. A quem dominá
O coraçaõ do Monarca,
Como eu, tudo lhe he facil.
Mostra-te pois na observancia
Do meu preceito, prudente.
Por. (De susto estou soffocada!) *á p.*
Tu fallas de Belizario?
Ono. Qual atrevido intentàra
Offender-me, que naõ fosse
Belizario! Suas façanhas,
Té commigo altivo o fazem.
Por. Naõ te individuo a cauza;
Mas só te digo, Princeza,
Que de virtudes taõ raras
Se adorna o seu coraçaõ,
E suas acçoẽs se esmaltaõ,
Que a os olhos do mundo fazem
Injusta a tua vingança.
Os seus meritos illustres...!
Ono. Immudece, temeraria:
Naõ queiras com teus louvores
Accender a ardente chamma
Do meu rancor implacavel:
Em fim, tua sorte fausta,
Depende de aborrecello;
Deixa de amallo; repara;
Que a tempo te avizo, e treme;
Se a este preceito faltas.
Por. (Ceos! que tiranno preceito!)
Que deixe de adorar mandas,
Aquelle, que para Espozo
A sorte me destinava?
He culpa o innocente amor?
Ono. Louca, obedece, e te calla:
Naõ deves buscar rázaõ,
Que se opponha á observancia
Da minha lei.
Por. E he em mim
Delicto, por tua cauza;
Amar o Heróe, que respeita
Todo o mundo, e a sua Patria;
Como de Tutelar Nume
Adora as suas façanhas?
Ah! pondera, excelsa Onoria;
Que a tua lei he tiranna.
Ono. Sim, Porcia, he delicto amallo;
Porque sou eu quem to manda;
E menos he tirannia
O que he illustre vingança!
Por. Meu coraçaõ, por costume,
A Belizario idolátra,
E do seu primeiro amor
Nunca extinguirá as chammas.
Ono. No coraçaõ feminil
Naõ he custoza a mudança:
De hum novo objecto a fineza
Faz a variedade grata.
Por. Mas se eu.....
Ono. Tenho-te advertido.
Por. Naõ posso.
Ono. Calla-te, insana:
Que he naõ poder? violentá
O teu coraçaõ.
Por. Naõ sou ingrata:
E se queres que te siga;
Ensina-me a ser tiranna.
Ono. Naõ te basta o meu exemplo?
Por. E a ti porque te naõ basta
O teu odio? Porque queres,
Que eu seja tambem culpada
Nessa ingratidaõ?
Ono. Eu tenho
Para aborecello cauza.
Por. E eu tenho para adorallo
Justissimas circunstancias;

Em ambas saõ poderozas
As duas paixoens contrarias;
Se a teu peito o odio agita,
A meu peito o amor inflamma.
Ono. Naõ te vence o meu poder!
Por Naõ pódem forças humanas
Riscar as ternas memorias
De amor, que se imprimio n'alma.
On. Ora bem: Eu mais naõ quero
Porfiar comtigo. Ama
Ao teu grande Belizario,
E os meus preceitos quebranta;
Ja te deixo em liberdade:
Segue o teu bem; mas repara,
Que o teu odio unido ao meu,
Para me vingar bastava;
E que com tua firmeza
Sóbe a mais minha vingança:
Hoje mesmo Belizario
Morrerà: ja está dada
A ordem; o executor prompto;
Meu ultimo avizo falta:
A Deos.
Por. Espera, Senhora.
Ono. Naõ te queró ouvir mais nada:
Minha ira o senteneea,
E tua firmeza o mata. *Vai-se.*
Por. Triste de mim! oh piedozo
Ceo, que innocentes amparas,
Livrai aquelle infeliz
De taõ barbara vingança.

ACTO II. SCENA I.

Camara. *Porcia com hum retrato de Belizario.*

Por. JA' que o teu original
Naõ vejo, terna te abraço,
Amada copia: pois és
Testemunha do meu pranto.
Ah, que se fallar poderas,
Só tu ao meu Belizario
Saberias expressar
A pura fé, que lhe guardo!

Sahe Onoria, que lhe tira o retrato.

Ono. Que fazes, louca! Assim cumpres
Minha lei? Tu abraçando
Do meu maior inimigo
Este odiozo traslado?
Dissuadir-te inda naõ pódes,
De que naõ deves amallo!
Por. Ah cruel! atè me queres
Prohibir, que nesse quadro
Dè este triste alimento
Aos meus funestos cuidados?
Naõ te basta o ter Imperio
Na eleiçaõ do meu Estado?
Atè queres dominar
Meus sentidos desgraçados?
Pódes fazer, [illegible] eu naõ seja
Espoza de Belizario;
Porèm naõ conseguirás
Que eu deixe de idolatrallo.
Ono. Naõ conseguirei!
Por. Naõ.
Ono. Teme a execuçaõ do ameaço.
Por. Temo; mas cumprir naõ posso
Os teus preceitos tirannos.
Ono. Vè que hoje com amizade
Te aconselho a desprezallo;
E á manhã, qual Soberana,
O meu poder ostentando,
Te obrigarei co' castigo:
Mas elle vem: tem cuidado
No que advirto; reflecte,
Que dalli fico observando
Todos os teus movimentos:
Trata de dezenganallo:
Naõ empregues em seu rosto
Teus olhos: assim to mando:

Obs

Obferva a lei, fe mais tempo
Vivo o queres: que o contrario
Excitará meu furor
A que cufte a vida a ambos.

Retira-fe, e fabe Belizario.

Bel. Bella Porcia, Idolo amado,
Ainda os benignos aftros,
Com ver teu gentil femblante;
Me querem affortunado:
Prodigios do teu amor
Foraõ, Senhora, os meus Lauros:
Pois nas maiores emprezas,
Teu bello nome invocando,
Incendia o peito, e dava
Invencivel força a o braço;
Agora, que amor me dà
Meritos mais elevados,
Para obter a doce poffe
Da tua maõ, que idolatro,
Te venho a offerecer,
Entre diftinct s applauzos,
Aquelles mefmos triunfos,
Que os teus influxos ganharaõ:
Dize-me, fe ainda em teu peito,
O amor, que me tens jurado,
Exifte. Mas naõ me attendes!
Que obfervo, oh Numes Sagrados!
Affim recebes, tiranna,
Ao teu fiel Belizario!
Baftou, Porcia, a minha auzencia,
A fazer teu peito falfo!
Naõ me refpondes!
Por. (Que pena!)
Bel. Falla.
Por. Oh preceito tiranno!)
Bel. E naõ te dignas de olhar
Para o meu rofto! Impio fado!
Mas ah! que de mim fe apartaõ
Teus olhos de envergonhados!
Dize-me ao menos, tiranna,
Acabe-me o dezengano:
Quem he o feliz amante,
Que me roubou teus agrados!
Por. (Oh Deozes! que lhe direi!)
Bel. E fe o meu ultimo eftrago
Queres, cruel, pronuncia,
Como Juiz deshumano,
Da minha morte fatal,
O impio decreto infaufto!
Dize, que ja me naõ amas:
Dize-me, que foraõ falfos
Todos os teus juramentos:
Ou que, de eleiçaõ mudando;
Com mais digno Efpozo, que eu;
Queres melhorar teu fado.
Por. Iffo dizer-te naõ poffo;
Mas devo callar meu damno.
Bel. Iffo dizer-me naõ pódes,
Porque no teu peito ingrato;
Os remorfos de perjura,
Te eftaõ, oh féra, accuzando.
Callar deves! Ah ingrata!
Que effe teu filencio amargo
He barbara lei ... teu
Novo amante affortunado.
Por. He barbara lei; mas naõ
De amor.
Bel. Será de odio. Que aftro
Maligno me fez odiozo
Ao teu femblante adorado!
Naõ fou eu aquelle mefmo,
Por quem, os Ceos invocando,
Bufcavas acreditar
De efpoza os protteftòs gratos!
Naõ temes, dize, traidora,
Que os altos Numes irados
Vinguem, como juftieeiros;
Ou a mudança, ou o engano!
Por. Se aquelle mefmo és, que fofte;
Porque em mim cres o contrario!
(Mizera de mim! de anguftia
O fangue finto gelado.)
Bel. Mas fe és a mefma, que fofte;
Para que me eftàs matando
Com teu fileneio! Defcobre
Do teu coraçaõ o arcano. *Chora Porcia*
Tu choras, meu bem! Oh Ceos!
Vacilar me faz teu pranto!
Se me és falfa, porque choras,
Sendo o erro do teu agrado!
E fe me és lial, porque
Naõ te alegràs com meus Lauros!
Por. Sou fiel; (Mas ai de mim!
Que a féra eftà obfervando!)
Belizario, ama-me, e vaite.
(Eu me confundo! Eu acabo!)
Bel. Queres que te ame, e me auzente!
De teu preceito tiranno

A execuçaõ fora facil,
Se eu naõ te adoraſſe tanto:
E ſe a partir, e a morrer
Me obrigas, cruel, eu parto:
Naõ te faça mais horror
A viſta de hum deſgraçado:
Mas antes que eu parta, e morra,
Se crês, que mereço acazo
Alguma breve fineza
A teu coraçaõ ingrato,
Emprega em mim os teus bellos
Olhos, que de amor ſaõ raios,
E vè em minhas anguſtias
De ſeu effeito os eſtragos.

Por. Naõ me affiijas mais: fim, parte:
A Deos, a Deos, Belizario.

Bel. A Deos, tiranna: eu me auzento;
Mas triſte, e dezanimado
Girarei eſtas paredes,
Qual eſpirito errante, e vago:
E para ludibrio teu,
Neſte laſtimozo eſtado
Conſervarei ſempre illeza
A pura fé, que te guardo.

Por. (Oh Ceos! que lei taõ cruel!)

Bel. Oh Deozes! que injuſto fado!

Por. (Parte o meu bem, e a minha alma
O vai triſte acompanhando.)

Bel. Eu me auzento; e neſta ingrata
Fieõ meus triſtes cuidados.

Por. Belizario, minha vida!

Bel. Porcia, idolo adorado!

Por. (Oh Deozes! Eu enlouqueço!)

Bel Que queres?

Por Eu naõ te chamo.

Bel. Pois ſe tu....

Por. Porque naõ partes?

Bel. Deliras.

Por. Naõ ſei que faço.

Bel Queres que parta?

Por. He precizo.

Bel A Deos, tiranna: eu parto:
E ſe as féras confuzoens,
Com que te deixo lutando,
Saõ remorſos vingadores
De me haveres enganado,
De ti me condoò, e ſinto;
Que ſe vinguem meus aggravos:
Que inda que ja naõ és Porcia,
Eu ſempre ſou Belizario. *Vai-ſe.*

Por. Ceos! perdi o ſenſitivo;
Pois me naõ mata hum lethargo.

Sahe Onoria.

Ono. Tu choras, Porcia: da tua
Dor, muito me compadeço,
Porque remedio naõ tem.

Por. Ah cruel! Naõ tem remedio!

Ono. Naõ tem.

Por. Que barbara lei
Crimina o innocente affecto
De dois conſtantes Eſpozos!

Ono. A lei he o meu preceito.
Dezejas ſaber a cauza
Da prohibiçaõ! Eu ta expreſſo.
Ouve-a, confunde-te, e guarda
Hum inviolavel ſegredo.
Amei firme a Belizario;
E tu, Porcia, foſte o objecto!
Por quem me deixou: naõ poſſo
Soffrer a affronta dos zelos,
Prezente a minha rival;
Quero vingar meus deſprezos:
Inda antes de dar a maõ
A Juſtiniano, quero
Fazer-te feliz com hum
Eſpozo de ſangue Regio:
Mas parece que Filippe
Olhando para a Scena.
Prevenio os meus dezejos:
Trata-o com docil agrado:
Vè que has de ſer hoje meſmo
Sua conſorte.

Por. Te enganas:
Offerecerei primeiro
O coraçaõ a hum punhal,
Ou a garganta a hum cutélo.

Ono Verás morto a Belizario;
E tu....

Por. Ja morrer naõ temo;
Que antes que ſer infiel,
Acabar a vida quero.

Sahe Filippe.

Fil. Bella Porcia.... Mas Onoria....

Ono. Porque ficaſte ſuſpenſo?
Amas a Porcia, bem ſei;
E prohibir-te naõ pertendo

Taõ justo amor: ella he digna
Do teu hymeneo excelso.
E tu, Principe, és crédor
Dos seus mimozos affectos.
Fil. Benigna Princeza, oh quanto
Mostras teu animo Regio,
Se aos que haõ de ser teus vassallos
Jà antecipas os premios!
Temi que a tua prezença
Fosse adversa a meus dezejos;
Mas vendo que a meu amor
Dàs amplo consentimento,
Permitte, que expresse a boca
O ardor, qne encerra o peito.
Bellissima Porcia ......
Por. Em vaõ
Alimentas teus extremos:
Pois sempre às tuas finezas
Serei immovel rochedo:
Convença-te o dezengano.
Fil. E porque és, amado emprego,
Ingrata com quem te adora?
Por. Porque adorar-te naõ devo;
Fil. E quem to embaraça?
Por. Eu mesmo.
Fil. Taõ odiozo he meu aspecto
Aos teus bellos olhos?
Por. Sempre,
Que com teus loucos excessos
Procurares meus agrados,
Seràs do meu odio objecto.
Fil. Oh triste, e adverso fado!
On. Naõ culpes inda de adverso
O teu fado: Huma donzella
Sabia, naõ cede aos primeiros
Rogos de amor; pois lho prohibe
Hum grave, e honesto pejo.
Naõ he taõ custoza empreza
Vencer hum feminil peito,
A quem armado de agrados
Reziste contra os desprezos:
E em fim, onde naõ tem forças
Finezas, e rogos ternos,
He vencedor poderozo
O elevado atrevimento.
Por. (Que barbaro coraçaõ
Encerra hum feminil peito;
Possuido da vingança!)
Segue, segue os seus conselhos;
Se naõ queres que eu te poupe
O ludibrio dos desprezos.
Hum pertendente, que teima
Sem justiça, se faz nescio:
E o que cede ao dezengano,
Dà provas de que he discreto.
Primeiro de que eu te ame,
Veràs mudar seus effeitos
A ordem da natureza:
Constante serà o vento;
Serà a terra mudavel;
A agoa lume, o fogo gello;
Brotarà flores o Ceo,
E estrellas o prado ameno;
Mas serà meu coraçaõ
Sempre em desprezar-te o mesmo:
Toda a tua diligencia
Frustrarei, pois te aborreço;
E tanto has de conseguir
Atrevido, como terno:
Pois quem naõ teme as finezas,
Menos teme o atrevimento. *Vai-se.*
Fil. Espera, dize-me, ingrata....
Porque motivo.....
Ono. Eu to expresso:
Pois me he, Principe, notoria
A cauza do teu desprezo.
Fil. Explica-ma por piedade.
Ono. Porcia se rende a outro objecto.
Fil. E qual indigno rival
Me embaraça os seus affectos,
Sem temer minha vingança?
Ono. Pode ser que em o sabendo
Te naõ mostres taõ altivo.
Fil. Sempre me veràs o mesmo;
Pois como seja vassallo.....
Ono. He; mas domina hum Imperio.
Fil. Oh Deozes! He Belizario?
Ono. Sim; jà mudaste de aspecto;
Ja temes o contendor?
Fil. Inda naõ basta ao soberbo,
Para fazer-me infeliz,
Ter-me roubado entre os Gregos
A primeira honra das armas?
E das maõs tirar-me o Ceptro
Dos Romanos? Té no amor
Me offende com seus zelos?
Juro ao Ceo, que hei de vingar-me.
On. Soltou-te o orgulhozo os ferros,
Para que outros mais pezados,
Como indigno, arrastes prezo

Ao

Ao carrò dos feus triunfos;
E quer (de penfallo tremo)
Que com teu ludibrio o vejas
Logrando os carinhos meigos,
Da que amavas para Efpoza.
Eftes faõ feus penfamentos:
Agora penfa, e rezolve,
Como Principe difcreto,
Se te agrada a liberdade,
Com penfaõ do cativeiro. *Vai-fe.*

Fil. Em fim, ja tenho penfado,
E ja rezolvido tenho:
Ou me ceda a bella Efpoza
O meu contrario foberbo,
Ou caia extincto a meus pés,
Em vingança dos meus zelos. *Vai-fe.*

SCENA II. Galeria.

Juftiniano, e Belizario.

Juft. Teu rofto melancolico me aviza
Da trifteza, que occultas em teu peito:
Sou teu fiel amigo: fuaviza
Tua pena, e me dize o que pertendes,
Porque tudo obterás; porèm fe a interna
Paixaõ me occultas, a amizade offendes.

Bel. E fe a publico, minha dor fe augmenta.

Juft. Te enganas: quanto a dor he mais occulta,
Mais a alma, que a padece, fe atormenta:
Declara-me o teu mal; cede ao meu rogo;
Que declarar as penas a hum amigo,
Do coraçaõ afflicto he dezafogo.

Bel. Ah Senhor! Se o meu mal naõ tem remedio,
De que ferve o narrallo?

Juft. Pois julgas, que naõ poffo remediallo?

Bel. Affim o quer a fórte em meu caftigo.

Juft. Pois taõ pouco poder tem hum Reinante,
Que confolar naõ póde o charo amigo?

Bel. Que poder, ou razaõ confegue Imperio
Sobre o peito cruel de huma impia Dama?

Juft. Logo o teu coraçaõ a ardente chamma
Sente de amor?

Bel. Por minha defventura.

Juft. E naõ te correfponde effa tiranna?
A quem tanto idolatras?

Bel. Fingio amor; mas ja me dezengana.

Juft. Que dizes? Ha mulher taõ impia, e louca,
Que chega a defprezar-te?

Bel. Eu enlouqueço!
Ah Senhor! muito diffe a incauta boca:
Naõ me perguntes mais.

Juft. Falla, e focega:
He da Grecia effa ingrata?

Bel. Naõ he Grega:
Porèm debaixo deftes Ceos habita.

Juft. He illuftre, ou plebea?

Bel. De preclaros
Avós defcende a minha bella ingrata.

Juft. O feu nome?

Bel. Perdoa: Callar devo
O nome da tiranna, que me mata.

Juft. Porèm fe o callas, ficará fruftrado
O empenho de fazer-te venturozo.

Bel. Naõ deve por violencia fer Efpozo
Aquelle, que nafceo no mundo honrado.

Sahe Narcete com huns Memoriaes.

Nar. A Italia oppreffa, hum Capitaõ implora,
Que em nome teu a reja, e a defenda:
Funefta lhe ferá qualquer demora,
Cercada de inimigos.
Dos teus fieis vaffallos pedem muitos
A honra defte emprego: evita os perigos
Das opprimidas gentes.
Neftes Memoriaes, Senhor, lerás
Os nomes dos illuftres pertendentes.

Juft. Eftes Memoriaes nas maõs te entrego. *pega nelles, e dá-os a Belizario.*
Com toda a autoridade de elegeres
O que ha de ir occupar taõ grande emprego:
Premea o que for mais de teus agrados:
Conheça a Grecia, Italia, e todo o mũdo,
Que o meu favor da tua maõ depende;
Que o arbitro tu és dos meus Eftados.

Bel. A hum humilde vaffallo (eu me confundo!)
Elevar queres tanto! Aos teus favores
Poem limite, Senhor.

Juft. Os beneficios
Que tenho recebido, faõ maiores.
Com prudencia, e valor, do ultimo eftrago,

Tu me tens defendido vida, e Imperio:
E mais he o que devo, q̃ o q̃ pago. *Vai-s.*

Nar. Capitaõ valorozo, Heróe invicto,
Nestes Memoriaes, de illustres Cabos,
Tambem vem de Narcete o nome escrito.
Companheiro fiel dos teus triunfos
Me viste contra os féros Indianos,
Os fortes Hunos, e impios Africanos;
E como o escolhido
Depende só da tua autoridade,
Espero naõ ficar dezattendido.

Bel. Heróes saõ todos estes; todos dignos
De Regerem a Italia, e todo o mundo:
Nem eu posso com hum só mostrar-me recto,
Sem offensa dos mais: Eu ja confundo
Taõ honrados papeis: decida a sórte
Qual ha de governar: Tira, Narcete.

Belizario baralha os papeis, e Narcete tira.

Nar. Obedeço: Aqui tens.

Bel. Este he o eleito.

Nar. O seu nome?

Bel. Filippe.

Nar. Este o effeito
Uzado da fortuna cegã, e varia;
Que quazi sempre attende ao mais indigno.

Bel. Suspende essa expressaõ injurioza.
A fortuna acertou: Filippe he digno
De emprego inda maior.

Nar. Hum temerario,
Que faz timbre de ser teu inimigó,
Preferirá a tantos?

Bel. Belizario,
Inimigos naõ tem; e se os tivesse,
Nunca com acçaõ vil se vingaria,
Contra o alheio credito, e interesse.

Nar. Mas....

Bel. Decretado està.

Nar. Mais naõ disputo.

Bel. A sórte o fez ditozo. Vá Filippe
Italia Commandar.

Sabe Filippe.

Fil. (Deózes, que escuto!
Para roubar-me o Idolo, que adoro;
quer longe de si este soberbo,
u amor offendendo, e o meu decoro.)
Ao bastidor sem ser visto.

Bel. Vai buscar a Filippe; e em meu nome
Lhe dá os parabens do seu destino,
Neste Memorial.

Fil. Porèm Filippe,
Desprezando os favores de hum indigno;
Rasga, e piza hum papel, que o injuria;
E em fim responde, a sórte desprezando,
Que em Bizancio só fica, por vingar-se
De quem lhe dá o Italico Commando.

Rasga-o, e piza-o.

Nar. Que observo! de soberbo a louco passa!

Bel. Porque cauza me offendes? dize, a tempo,
Que de hum favor pedido obtens a graça;
Assinas o papel, e ao Trono Augusto
Do Cezar o aprezentas, e és eleito
Entre tantos Heróes, e a o teu despacho
Rasgas, e pizas; sem guardar respeito
A's Soberanas Leis? Fazes funesta
A sórte, que te dou, e me ameaças?
Que extravagancia do teu genio he esta?

Fil. Bastantemente entendo meu disignio.
Assinei o papel: pedi ao Augusto
Da Italia o Dominio;
Porèm foi antes de saber que tinha
Em ti hum vil rival, que me despachã;
Só para me roubar a gloria minha.

Bel. Que dizes? Teu rival?

Fil. Sim, inimigo:
A'bella Porcia, que àmas, tambem amo;
Se antes o naõ sabias, eu to digo.

Bel. (Por Filippe despreza o meu affecto,
Aquella bella ingrata.)

Fil. Reconhece,
Que de meu puro amor he Porcia objecto;
Deixa, pois, de adoralla.
Se naõ queres em mim ter inimigo.

Bel. E com tanta ouzadia, e orgulho falla
A o seu Libertador, Filippe ingrato?
Ja se naõ lembra, que dos duros ferros;
Belizario o livrou? E esse he o trato,
Que merece, quem foi....

Fil. Basta, soberbo:
Para salvar-te a ti, cauto soltaste,
Os meus duros grilhoens: hum damno acerbo
Cauzar-te poderia
O meu carcere injusto; e falsidade;
Que praticas commigo, te desvia

To-

Todo o valor de minha liberdade.

Bel Oh alma vil: a ingratidaõ, e a furia
Deteſtaveis ſaõ ſempre até nos monſtros.

Fil Ja he muito ſoffrer. Taõ grande injuria
Vingarei deſta ſórte. *impunha.*
Ou a Porcia me cede ja, ou teme,
Que decida a contenda a tua morte.

Bel. Vè quem eu ſou: para mim olha, e treme,
Se te adiantas mais.

Fil Quem for cobarde
Trema embora de ti: porèm Filippe
Tem coraçaõ illuſtre, e em zelos arde.

Bel. Vè como abato as tuas altivezas. *impunha.*

Nar. Suſpende, que eſſe braço valorozo,
Rezervado ſer deve para emprezas
Gloriozas á Patria. Eſte ambiciozo
Baſto eu ſó a punir. *impunha.*

Bel. Narcete, affaſta.

Fil. Inveſti juntos,
Que para o meu furor hum ſó naõ baſta;
A ambos traſpaſſarei.

Ao inveſtir, ſabe Juſtiniano, e Soldados.

Juſt. Oh lá: Nas Regias Salas ſe incidia!
A vida de outro: He Filippe acazo
O orgulhozo autor deſta ouzadia?
Outro naõ póde ſer.

Nar Como inimigo
Nos inſulta, e accommette.

Fil. (Oh ſórte avara!)

Nar. A Belizario ſem razaõ offende.

Juſt. Indigno, larga o ferro, e te prepara
Para acabar teus dias deſgraçados,
Arrojando cadeias.
Entrega Filippe a eſpada aos Soldados.

Fil. Se mais tardas,
Tinta no ſangue vil de dois malvados,
Te entregára eſta eſpada,
A punir inimigos coſtumada.

Bel. O contrario talvez te ſuccedera,
Se a Sagrada prezença do meu Cezar
Teu auxilio naõ foſſe.

Fil. Eu....

Juſt. Immudece.
Teus elegido já quem ſabio Reja
As Provincias da Italia?

Bel. Foi Filippe
O elegido por ſórte: màs à inveja
De ſer minha, Senhor, a autoridade;
De tal furor o encheo, que arrebatado;
O deſpacho raſgou.

Juſt. Que iniquidade!
Elege outro, que ſeja mais prudente,
Para domar huns Povos ſediciozos.

Bel. Se o approvas, Senhor, o tens prezente
Em Narcete: ſeus feitos valorozos,
E ſua grande prudencia o fazem digno.

Juſt. Tua eleiçaõ he Lei: eu ja o approvo.

Nar. Oh grande Imperador! juſto, e benigno!
Permitte-me...; *quer beijar-lhe a maõ.*

Juſt. A mim naõ: a Belizario
Deves as graças dar dos teus augmentos.

Nar. A ti, Senhor..... *a Belizario.*

Bel. A mim nada me deves:
Os teus merecimentos
Te abrem caminho para hum poſto honrado,
Que eſpero ver, por credito da Patria,
A pezar dos infieis, dezempenhado.

Juſt. Dictar vou novas Leis, com que governes
Aquella gente féra, e dezabrida.

Nar. Fiel executor dos teus Decretos
Serei, Senhor, em quanto tiver vida.

Juſt. Belizario, da Regia autoridade
Usa com eſſe altivo delinquente:
Vé que augmenta aos iniquos a maldade
Do juiz a froxidaõ: quem te offendeo,
Delinquio contra mim: caſtiga o réo. *vai-ſe.*

Fil. [illegible] a quanto da fortuna louca, e cega!
[illegible] a favor, ſoberbo, a roda gira,
A eſpada deſpe, o golpe ultimo emprega
Em meu peito infeliz, e entaõ ſocega:
Porque ſó poderás com minha morte
Gozar em paz o doce bem, que adoro,
Sem que eu poſſa eſtorvar-te a feliz ſórte.

Bel. Filippe, torna em ti: ouve-me attento
Comtigo quero ſer froxo Miniſtro,
Naõ ſevéro Juiz. Se ſentimento
De coraçaõ illuſtre, animo honrado,
Te permitte a paixaõ: tuas acçoẽs
Te façaõ vacilar de envergonhado.
Eſte, pois, ſeja o exemplar caſtigo,
Que te dá Belizario, a quem inſultas,
Como ſe fora hum perfido inimigo.

D

Dó teu cego furor me compadeço:
Goza da liberdade, que desprezas:
A tua espada toma; So te peço,
Que saibas empunhalla, como Heróe,
No ardor Militar, que ao peito inflãma;
Por credito da Patria, honra do Cezar,
E por gloria immortal da tua fama.

Fil. Convém ceder ao fado. Acceito a espada
Da tua maõ, e juro,
Que saberei brandilla em damno acerbo
Dos inimigos meus. (Mas te seguro,
Que o meu maior contrario és tu, soberbo) *Vai-se.*

Bel. Vai, oh infeliz amante: eu te respeito
De Porcia o coraçaõ, que em ti existe;
Góza as doces finezas de seu peito,
Que eu'as suas mudanças choro triste:
Mas só me queixarei do meu destino,
Que de obter sua maõ me fez indigno.

ACTO III. SCENA I.

Gabinete com cadeiras. *Onoria com huma carta.*

Ono. Belizario ingrato, agora
Experimentarás as iras
Daquella, que mais te amava;
Que a distincçaõ de Rainha;
Hum dezesperado amor,
Que de prezente fulmina
Raios de vingança, contra
Teu credito, e tua vida:
Esta carta, com que a Porcia
Teus excessos verificas,
Será o féro instrumento
Da tua fatal ruina.

Sabe Justiniano.

Just. Onoria: Graças ao Ceo;
Que te vejo, gloria minha!
Porque te escondes: Naõ sabes;
Que és toda a minha delicia:
E que naõ tem, sem te verem,
Os meus olhos alegria:
Ja meus Vassallos esperaõ
Com fausto o proximo dia;
Para beijarem a maõ
A' sua nova Rainha:
E eu, cara Espoza....

Ono. Espera;
Mais tua voz naõ profira
Taõ doce nome.

Just. Porque:

Ono. Porque sou ja delle indigna.

Just. Indigná, Onoria, de seres
Minha Espoza: Ah minha vida!
Quem tanto bem me embaraça:

On. Hum traidor.

Just. Oh Ceos: Deliras:

Ono. Sim, Justiniano Augusto;
Huma paixaõ me allucina;
Naõ posso fallar; porém
O que a voz te naõ explica,
Te expressem meus tristes olhos
Em lagrimas successivas. *chora.*

Just. Choras, meu bem! E hum traidor
Tuas lagrimas motiva:
Que sacrilego se atreve
A offender a esclarecida
Espoza de Justiniano,
Sem temer sua justiça:
Quem he o traidor:

Ono. Aquelle,
A quem mais amas, e estimas.

Just. Se aquelle, a quem mais eu amo,
Te offendesse, (oh Ceos!) veria
Em odio trocado o amor.
Tua offensa, Espoza, he minha;
E naõ dêve hum Soberano
Disfarçar as ouzadias
De hum máo vassallo, ficando
A Magestade offendida.
Declara-o, pois.

Ono. Senhor, já;
Que declarallo me obrigas;
O faço: e os Numes sabem
Quanta violencia excessiva
Me faz queixar-me de quem
Tua vontade domina.
Just. Oh Deozes!
Ono. Em Belizario
Conhece (se te confiás
Neste meu pranto) o traidor;
Que ao meu discredito aspira.
Just. Em Belizario o traidor!
Ah, Onoria! Naõ podias
Disparar contra meu peito
Mais penetrantes feridas.
Ono. Juro pelos Numes, que
Se os meus aggravos naõ vinga,
No sangue daquelle infame,
Eu mesma....
Just. Espoza querida,
Socega a tua paixaõ;
Pois mais prudencia preciza
O exame do seu delicto:
Jamais a hum réo se castiga,
Sem a prova, que requer,
A inteireza da justiça:
Os nossos olhos às vezes
Se illudem; e na fantazia,
A imagem do seu engano
Pintaõ com cores taõ vivas,
Que os mais sentidos á sua
Illuzaõ sugeitos ficaõ:
Huma equivoca palavra,
Ou talvez mal entendida,
Póde ser de hum grande erro
Cauza.
Ono. Sua impudicicia
He tal, que a illicito amor
Seduzir-me pertendia.
Com grande severidade
Lhe reprehendo à ouzadia;
Lembrando-lhe o teu poder,
Minha affronta, e sua iniqua
Temeridade: Elle entaõ,
Cheio de audaz ufania,
Me respondeo: Que o Imperio,
A vida, e a paz lhe devias:
E que era, como tu, digno
De lograr-me. Infurecida
O deixei; e por violencia....
Just. Baste: Mais me naõ afflijas.
(Assim Belizario abuza
Da minha amizade! A vida,
O Imperio, e a paz lhe devo:
Mas com que mercês distinctas
O naõ premiei! E ingrato
Se atreve, com ignominia
Do meu respeito, a offender-me
Na parte mais sensitiva
Da minha alma!) Ah Onoria!
Eu naõ crera taõ indigna
Maldade, naõ sendo tu,
Quem a traiçaõ certifica.
Ono. Queres outra prova? Lè
Essa carta, e te horroriza
Do seu vil atrevimento. *Da-lhe a carta.*
Just. Isto he mais: Ceos! ao abrilla
Me treme o braço, e nas veias
Todo o sangue se me esfria.
Lendo. Bella, e cruel, se o teu rigor tiráno
Me condemna a morrer, deixa q̃ ao menos
Alimente a meu peito hum doce engano,
Antes da minha morte: imprimir deixa
Na tua gentil maõ, meus labios ternos,
Por dezafogo, em fim, da minha queixa.
Ama embora esse amante affortunado,
A quem eu conservei a paz, e a vida,
Para ser aos teus olhos desgraçado.
Inda que a seu amor faças offensa,
Em hoje me attender, seja este excesso
De tantos beneficios recompensa:
Naõ sejas com meus ais em tudo ingrata,
Ouve-me huma só vez, depois me mata.
Fica suspenso.
Ono. (Ficou transportado: já
Meus enganos acredita:
Quem bem naõ sabe fingir,
Triunfar naõ sabe.) *á p.*
Just. Malignas
Estrellas! Que tenho lido!
Do traidor he letra, e firma.
Onde hum amigo fiel
Encontrarei, se o que tinha
Por mais leal, e sincéro,
Levado de huma lasciva
Paixaõ, deslustra as acçoens;
Com manchas da vil perfidia!
Ono. Que dizes, Senhor, agora?
Just. Ah! deixa-me, e te retira.
Ono. Inda pódes duvidar?

Just. Naõ fei fe o duvide ainda:
Sei, que, qual louco, me finto
Lutar entre o amor, e a ira.
Ono. Vê que fou eu quem fe queixa.
Just. A tua queixa me obriga
A crello réo: a experiencia
Das fuas exclarecidas
Acçoens, me faz duvidar
De taõ vil aleivozia.
Ono Tuas duvidas, ingrato,
Me deixaõ muito offendida.
Declarei-te a offenfa; e agora,
Que cheguei a proferilla,
Se faz a minha vingança
Indefpenfavel. Caftiga
Aquelle traidor, fe queres,
Que eu feja do Trono digna:
Que em quanto de hum máo vaffallo
Que o meu decoro injuría,
Me naõ dás fatisfaçaõ;
Naõ mereço o fer Rainha:
E juro, que inutilmente
Noffas Nupcias determinas,
Sem que a maõ Regia me dèa
No fangue do infame tinta. *Vai-se.*
Just. Oh Deozes! A minha Efpoza
Efta carta he remettida
Por Belizario! He poffivel,
Que a minha Soberania
Naõ refree a paixaõ louca
De hum amor, que o allucina!
Mas elle vem: Juftos Numes!
Com que focego encaminha
A' minha prezença os paffos!
Conter quero as minhas iras.
O feu placido femblante
Fiel innocencia indica:
Pois treme fempre o culpado
Do feu offendido á vifta.

Sabe Belizario.

Bel. Meu Soberano!
Just. Que queres!
Bel. Os Africanos foberbos,
Novamente fublevados,
Recuzaõ pagar o feudo,
Que, como Conquifta tua;
Devem a o teu vafto Imperio;
Permitte, Senhor, que eu vá
Caftigar-lhe o atrevimento.
Just Naõ he precizo; pois ja
De Ormonte fiei o pezo
Das Africanas Conquiftas:
Elle he illuftre Guerreiro;
Mas fe fe vir apertado,
Irás tu a foccorrello.
Bel. Senhor, ou indo, ou ficando;
Ou na guerra, ou no focego
Da paz, te firvo fiel,
Quando as tuas Leis obfervo.
Just. Attende-me, Belizario,
E refponde-me fincéro
Ao que te pergunto.
Bel. Julgo,
Que do meu càndido genio
Tens, Senhor, immenfas provas.
Just. Dize-me: Quem he o objecto,
Que te defpreza cruel,
Amando-o com tanto exceffo!
Bel. Ah, Senhor! mais deffa ingrata
Me naõ lembres os defprezos:
Por outro feliz amante
Me deixou: e ja naõ tenho
Efperança, que me anime,
A esféra reconhecendo,
Do meu ditozo rival.
Just. O feu nome faber quero.
Bel. Se o meu damno he fem remedio;
Para que o queres faber!
Permitte-me, que em filencio;....
Just. (Oh Ceos! tanta renitencia!)
Mando que o digas: naõ deves
Mais duvidar.
Bel. Obedeço:
Renovem embóra as feridas
Da minha alma os teus preceitos:
Porcia he o Idolo, a quem
Sacrifiquei meus affectos:
Antes, Senhor, que eu partiffe
De Bizancio, (Oh fado adverfo!)
De guardar-mos mutua fé
Fizemos mil juramentos.
Just. E que efcuza alega a ingrata;
Teus meritos conhecendo,
Para te faltar á fé!
Bel. Por mais, Senhor, que me queixo
Da fua falfidade he
Refpofta hum trifte filencio.
Just. Naõ tens outras provas mais

Da sua mudança?

Bel. Tenho:

E, ao dizellas, Senhor;

De afflicçaõ se opprime o peito.

Just. Dize-as.

Bel. Apenas cheguei,

Coroado de Louro excelso;

E da tua maõ benigna

Recebi taõ altos premios,

Busquei a minha adorada,

Para com amor sincéro,

De todos os meus triunfos

Lhe fazer offerecimento:

Cauzaraõ as nossas vistas

Em ambos, tristes effeitos:

Nella, por envergonhada

Da falta dos seus protestos;

Em mim, por ver mal logrados

Meus amantes juramentos:

E sem se atrever a olhar

Para meu funebre aspecto;

Dè horrorizada, fixou

No chaõ os seus olhos bellos;

Argui-a de perjura,

Lembrando-lhe o juramento;

E me respondeo: Ai, triste

Belizario; foi adverso

Meu fado: deixa-me, e parte:

Por piedade to peço;

E soltando entre suspiros

Correntes de pranto terno;

Me dava a entender, que ja

Naõ tinha o meu mal remedio.

Just. E naõ conheces ainda

O teu rival?

Bel. Sim, conheço;

Mas disputar-lhe as razoẽs

Da minha queixa naõ devo.

Just. Quem he?

Bel. Filippe.

Just. Que dizes?

Bel. Que elle he o ditozo objecto

De Porcia.

Just. E ao teu contendor

Dezataste os duros ferros;

E livraste hoje da morte?

Bel. Venceraõ-se os meus affectos

Dos estimulos da gloria.

Just. Se fosse amor verdadeiro,

O que expressas, cederia

A tua gloria aos teus zelos.

Bel. Adoro a Porcia; o Ceo sabe

As afflicçoens, que a meu peito

Custaõ a sua mudança;

Mas se hum destino funesto

Me faz indigno de obtella,

Fora, Senhor, vil excesso

Vingar-me em quem he mais digno

De possuir seus affectos.

Just. Belizario, essa glorioza

Acçaõ, sim he dezempenho

Do teu honrado caracter;

Porèm.... mais claro fallemos:

Outra mais illustre flamma

Accendeo de amor teu peito;

E esta só fez que podesses

Soffrer em paz teus desprezos.

Bel. Ah Senhor! Naõ queira a sórte;

Que eu jamais viva sogeito

A outro amor: Basta a memoria

Deste, que me foi funesto,

Para me eternizar n'alma

O mais sensivel tormento

Just. Mais do que pensas, sciente

Estou do teu novo emprego:

Este me offende; porèm

Outra prova dar-te quero

Do meu amor. A verdade

Me falla, como mereço,

Que eu te perdoo benigno

Os teus amorozos erros.

Bel. Senhor, se adorar a Porcia

Offende ao teu poder Regio,

Castiga-me como réo;

Mas crè, Senhor, que naõ tenho

Outra Dama, que me obrigue

A fazer hum leve extremo.

Just. Conhecerás esta carta? *mostra-lha.*

Bel. Que eu a firmei te confesso.

Just. A quem a escreveste?

Bel. A Porcia.

Just. A Porcia! Como de certo

Fallas em Espozo, se ella

Te naõ disse os seus segredos?

Bel. Porque Filippe intentou

De vingar em mim seus zelos.

Just. E esse he o Espozo, a quem

Salvaste a vida, e o socego?

Bel. Se paz, vida, e liberdade

Lhe dei, o sabes tu mesmo;

Pois

Pois com meus rogos humildes,
Tua justiça vencendo,
Duas vezes das cadeias
O soltei.
Just. (Eu estou perplexo:
Naõ sei, naõ sei a que parte
Incline os meus pensamentos,
Se ás lagrimas de huma Espoza;
Se de hum vassallo aos protestos.
Façamos mais outra prova.) *á p.*
Bel (Ceos! De que estará suspenso.)
Just. Oh lá, à minha prezença

Sahe, e parte hum Soldado.

Venha ja Porcia. (Apuremos,
Ou da innocencia a candura,
Ou da traiçaõ o veneno.)
Bel. Ah Senhor! para que mandas
Chamar a Porcia! Pois vendo
A meu favor inclinado
O teu Augusto respeito,
Cedera do novo amor,
Tuas reprehençoes temendo:
Mas eu, Senhor, que a violencia,
Que lhe hei de cauzar, conheço,
Possuir-lhe a formozura
Sem o coraçaõ, naõ devo:
E pois com tuas grandezas
Taõ ditozo me tens feito,
Naõ me faças desgraçado,
Com hum consorcio violento.
Just. Naõ me seguras, que adoras
A Porcia!
Bel. Mais que a mim mesmo.
Just. Logo como és desgraçado,
Se consegues teus dezejos!
Bel. Eu, Senhor, buscava unir
Huma Consorte a meu peito,
Taõ socia dos meus costumes,
Que a grandeza, em que me vejo,
Fizesse ainda mais fausta
Com o seu contentamento;
E nas desgraças da vida,
A que os mortaes estaõ sugeitos;
Consolasse meus trabalhos
Com seu amor, e conselho:
Mas huma Espoza violenta,
Tem por castigos os premios;
E as desgraças por desculpa
Do seu aborrecimento.
Just. Porcia vem. Em quanto fallo
Guarda inviolavel silencio.

Sahe Porcia com hum Soldado, que logo se vai.

Por. Meu Augusto Senhor, por teu mandado,
A's tuas Regias plantas tens prostrada
Huma triste mulher, a quem o fado
Quer fazer de ditoza, desgraçada.
Just. Belissima donzella, naõ te prenda
Do improvizo temor o pejo justo,
Proprio do teu estado, e tua idade:
Vè que prezente tens o teu Augusto;
O teu Juiz, e Pai: a autoridade
Destes titulos, que ouves, crè, e espera;
Que, qual filha, vassalla, e pertendente
Falles commigo placida, e sincéra.
Por Por costume, Senhor, o q̃ a alma sente
Profere a boca só sem o artificio
Da lizonja, e do engano:
A verdade direi sincéra, e pura;
Inda que a confissaõ seja em meu damnõ;
E pois tenho na minha desventura
Em ti Juiz, Monarca, e Pai benigno;
Como filha, vassalla, e pertendente,
Espero que melhòres meu destino.
Just. Dize, Porcia, rendeste ja teu peito
Aos empenhos de amor.
Por. Rendi constante.
Just. Mas o teu coraçaõ naõ sente o effeito
Daquelle terno golpe,
Que primeiro o ferio!
Por. Foi penetrante.
Bel. Nova flamma de amor, em doce trato?
Te extinguio a primeira!
Por. Oh Ceos! Que dizes!
Naõ me trates assim, querido ingrato;
A mesma sou: a mesma....
Bel. Sim, no engano.
Just. Calla-te. *a Bel.*
Bel. Na traiçaõ com que disfarças.
Just. Belizario, inda falla Justiniano;
E do imposto silencio, inda a Lei dura.
Bel. Eu me callo: mas crè que foi perjura!
Just. (Declarou-se o delicto: por Onoria
A maõ da fiel Porcia repudía:
De minha Espoza a queixa, e a minha afronta,

Pe-

Ao carrò dos feus triunfos;
E quer (de penſallo tremo)
Que com teu ludibrio o vejas
Logrando os carinhos meigos,
Da que amavas para Eſpoza.
Eſtes ſaõ ſeus penſamentos:
Agora penſa, e rezolve,
Como Principe diſcreto,
Se te agrada a liberdade,
Com penſaõ do cativeiro. *Vai-ſe.*

Fil. Em fim, ja tenho penſado,
E ja rezolvido tenho:
Ou me ceda a bella Eſpoza
O meu contrario ſoberbo,
Ou caia extincto a meus pés;
Em vingança dos meus zelos. *Vai-ſe.*

SCENA II. Galaria.

Juſtiniano, e Belizario.

Juſt. Teu roſto melancolico me aviza
Da triſteza, que occultas em teu peito:
Sou teu fiel amigo: ſuaviza
Tua pena, e me dize o que pertendes,
Porque tudo obterás; porèm ſe a interna
Paixaõ me occultas, a amizade offendes.

Bel. E ſe a publico, minha dor ſe augmenta.

Juſt. Te enganas: quanto a dor he mais occulta,
Mais a alma, que a padece, ſe atormenta:
Declara-me o teu mal; cede ao meu rogo;
Que declarar as penas a hum amigo,
Do coraçaõ afflicto he dezafogo.

Bel. Ah Senhor! Se o meu mal naõ tem remedio,
De que ferve o narrallo?

Juſt. Pois julgas, que naõ poſſo remediallo?

Bel. Aſſim o quer a ſórte em meu caſtigo.

Juſt. Pois taõ pouco poder tem hum Reinante,
Que conſolar naõ póde o charo amigo?

Bel. Que poder, ou razaõ conſegue Imperio
Sobre o peito cruel de huma impia Dama?

Juſt. Logo o teu coraçaõ a ardente chamma
Sente de amor?

Bel. Por minha deſventura.

Juſt. E naõ te correſponde eſſa tiranna?
A quem tanto idolatras?

Bel. Fingio amor; mas ja me dezengana.

Juſt. Que dizes? Ha mulher taõ impia, e louca,
Que chega a deſprezar-te?

Bel. Eu enlouqueço!
Ah Senhor! muito diſſe a incauta boca:
Naõ me perguntes mais.

Juſt. Falla, e ſocega:
He da Grecia eſſa ingrata?

Bel. Naõ he Grega:
Porèm debaixo deſtes Ceos habita.

Juſt. He illuſtre, ou plebea?

Bel. De preclaros
Avós deſcende a minha bella ingrata.

Juſt. O ſeu nome?

Bel. Perdoa: Callar devo
O nome da tiranna, que me mata.

Juſt. Porèm ſe o callas, ficará fruſtrado
O empenho de fazer-te venturozo.

Bel. Naõ deve por violencia ſer Eſpozo
Aquelle, que naſceo no mundo honrado.

Sahe Narcete com huns Memoriaes.

Nar. A Italia oppreſſa, hum Capitaõ implora,
Que em nome teu a reja, e a defenda:
Funeſta lhe ſerá qualquer demora,
Cercada de inimigos.
Dos teus fieis vaſſallos pedem muitos
A honra deſte emprego: evita os perigos
Das opprimidas gentes.
Neſtes Memoriaes, Senhor, lerás
Os nomes dos illuſtres pertendentes.

Juſt. Eſtes Memoriaes nas maõs te entrego;
pega nelles, e dá-os a Belizario.
Com toda a autoridade de elegeres
O que ha de ir occupar taõ grande emprego:
Premea o que for mais de teus agrados:
Conheça a Grecia, Italia, e todo o múdo,
Que o meu favor da tua maõ depende;
Que o arbitro tu és dos meus Eſtados.

Bel. A hum humilde vaſſallo (eu me confundo!)
Elevar queres tanto? Aos teus favores
Poem limite, Senhor.

Juſt. Os beneficios,
Que tenho recebido, ſaõ maiores.
Com prudencia, e valor, do ultimo eſtrago,

Tu

Tu me tens defendido vida, e Imperio:
E mais he o que devo, q̃ o q̃ pago. *Vai-s.*

Nar. Capitaõ valorozo, Heróe invicto,
Nestes Memoriaes, de illustres Cabos,
Tambem vem de Narcete o nome escrito.
Companheiro fiel dos teus triunfos
Me viste contra os féros Indianos,
Os fortes Hunos, e impios Africanos:
E como o escolhido
Depende só da tua autoridade,
Espero naõ ficar dezattendido.

Bel. Heróes saõ todos estes: todos dignos
De Regerem a Italia, e todo o mundo:
Nem eu posso com hum só mostrar-me récto,
Sem offensa dos mais: Eu ja confundo
Taõ honrados papeis: decida a sórte
Qual ha de governar: Tira, Narcete.

Belizario baralha os papeis, e Narcete tira.

Nar. Obedeço: Aqui tens.

Bel. Este he o eleito.

Nar. O seu nome?

Bel. Filippe.

Nar. Este o effeito
Uzado da fortuna cega, e varia,
Que quazi sempre attende ao mais indigno.

Bel. Suspende essa expressaõ injurioza.
A fortuna acertou: Filippe he digno
De emprego inda maior.

Nar. Hum temerario,
Que faz timbre de ser teu inimigo,
Preferirá a tantos?

Bel. Belizario,
Inimigos naõ tem: e se os tivesse,
Nunca com acçaõ vil se vingaria,
Contra o alheio credito, e interesse.

Nar. Mas....

Bel. Decretado está.

Nar. Mais naõ disputo.

Bel. A sórte o fez ditozo. Vá Filippe
A Italia Commandar.

Sabe Filippe.

Fil. (Deózes, que escuto!
Para roubar-me o Idolo, que adoro;
Me quer longe de si este soberbo,
Meu amor offendendo, e o meu decoro.)

Ao bastidor sem ser visto.

Bel. Vai buscar a Filippe: e em meu nome
Lhe dá os parabens do seu destino,
Neste Memorial.

Fil. Porèm Filippe,
Desprezando os favores de hum indigno;
Rasga, e piza hum papel, que o injuria;
E em fim responde, a sórte desprezando,
Que em Bizancio só fica, por vingar-se
De quem lhe dá o Italico Commando.

Rasga-o, e piza-o.

Nar. Que observo! de soberbo a louco passa!

Bel. Porque cauza me offendes? dize, a tempo,
Que de hum favor pedido obtens a graça?
Assinas o papel, e ao Trono Augusto
Do Cezar o apresentas, e és eleito
Entre tantos Heróes, e a o teu despacho
Rasgas, e pizas: sem guardar respeito
A's Soberanas Leis? Fazes funesta
A sórte, que te dou, e me ameaças?
Que extravagancia do teu genio he esta?

Fil. Bastantemente entendo [illegible]eu disignio.
Assinei o papel: pedi ao A[illegible]sto
Da Italia o Dominio;
Porèm foi antes de saber que tinha
Em ti hum vil rival, que me despachá;
Só para me roubar a gloria minha.

Bel. Que dizes? Teu rival?

Fil. Sim, inimigo:
A bella Porcia, que àmas, também amo;
Se antes o naõ sabias, eu to digo.

Bel. (Por Filippe despreza o meu affecto,
Aquella bella ingrata.)

Fil. Reconhece,
Que de meu puro amor he Porcia objecto;
Deixa, pois, de adoralla.
Se naõ queres em mim ter inimigo.

Bel. E com tanta ouzadia, e orgulho falla
A o seu Libertador, Filippe ingrato?
Ja se naõ lembra, que dos duros ferros;
Belizario o livrou? E esse he o trato,
Que merece, quem foi....

Fil. Basta, soberbo:
Para salvar-te a ti, cauto soltaste,
Os meus duros grilhoens: hum damno acerbo
Cauzar-te poderia
O meu carcere injusto: a falsidade;
Que praticas commigo, te desvia

To-

Todo o valor de minha liberdade.

Bel Oh alma vil! a ingratidaõ, e a furia
Deteſtaveis faõ ſempre até nos monſtros.

Fil Ja he muito ſoffrer. Taõ grande injuria
Vingarei deſta ſórte. *impunha.*
Ou a Porcia me cede ja, ou teme,
Que decida a contenda a tua morte.

Bel. Vê quem eu ſou: para mim olha, e treme,
Se te adiantas mais.

Fil Quem for cobarde
Trema embora de ti: porèm Filippe
Tem coraçaõ illuſtre, e em zelos arde.

Bel. Vê como abato as tuas altivezas.
impunha.

Nar. Suſpende, que eſſe braço valorozo,
Rezervado ſer deve para emprezas
Gloriozas á Patria. Eſte ambiciozo
Baſto eu ſó a punir. *impunha.*

Bel. Narcete, affaſta.

Fil. Inveſti juntos,
Que para o meu furor hum ſó naõ baſta;
A ambos traſpaſſarei.

Ao inveſtir, ſahe Juſtiniano, e Soldados.

Juſt. Oh lá! Nas Regias Salas ſe incidia
A vida de outro! He Filippe acazo
O orgulhozo autor deſta ouzadia!
Outro naõ póde ſer.

Nar. Como inimigo
Nos inſulta, e accommette.

Fil. (Oh ſórte avara!)

Nar. A Belizario ſem razaõ offende.

Juſt. Indigno, larga o ferro, e te prepara
Para acabar teus dias deſgraçados,
Arrojando cadeias.
Entrega Filippe a eſpada aos Soldados.

Fil. Se mais tardas,
Tinta no ſangue vil de dois malvados,
Te entregára eſta eſpada,
A punir inimigos coſtumada.

Bel. O contrario talvez te ſuccedera,
Se a Sagrada prezença do meu Cezar
Teu auxilio naõ foſſe.

Fil. Eu . . . .

Juſt. Immudece.
Tens elegido já quem ſabio Reja
As Provincias da Italia!

Bel. Foi Filippe
O elegido por ſórte; mas a inveja
De ſer minha, Senhor, a autoridade;
De tal furor o encheo, que arrebatado,
O deſpacho raſgou.

Juſt. Que iniquidade!
Elege outro, que ſeja mais prudente,
Para domar huns Povos ſediciozos.

Bel. Se o approvas, Senhor, o tens prezente
Em Narcete: ſeus feitos valorozos,
E ſua grande prudencia o fazem digno.

Juſt. Tua eleiçaõ he Lei: eu ja o approvo.

Nar. Oh grande Imperador! juſto, e benigno!
Permitte-me . . . ; *quer beijar-lhe a maõ.*

Juſt. A mim naõ: a Belizario
Deves as graças dar dos teus augmentos.

Nar. A ti, Senhor . . . . *a Belizario.*

Bel. A mim nada me deves:
Os teus merecimentos
Te abrem caminho pará hum poſto honrado,
Que eſpero ver, por credito da Patria,
A pezar dos infieis, dezempenhado.

Juſt. Dictar vou novas Leis, com que governes
Aquella gente féra, e dezabrida.

Nar. Fiel executor dos teus Decretos
Serei, Senhor, em quanto tiver vida.

Juſt. Belizario, da Regia autoridade
Uza com eſſe altivo delinquente;
Vê que augmenta aos iniquos a maldade
Do Juiz a froxidaõ: quem te offendeo,
Delinquio contra mim; caſtiga o réo.
vai-ſe.

Fil. [illegible] a quanto da fortuna louca, e cega;
[illegible] favor, ſoberbo, a roda gira,
A eſpada deſpe, o golpe ultimo emprega
Em meu peito infeliz, e entaõ ſocega:
Porque ſó poderás com minha morte
Gozar em paz o doce bem, que adoro;
Sem que eu poſſa eſtorvar-te a feliz ſórte.

Bel. Filippe, torna em ti: ouve-me attento:
Comtigo quero ſer froxó Miniſtro,
Naõ ſevéro Juiz. Se ſentimento
De coraçaõ illuſtre, animo honrado;
Te permitte a paixaõ; tuas acções
Te façaõ vacilar de envergonhado.
Eſte, pois, ſeja o exemplar caſtigo,
Que te dá Belizario, a quem inſultas,
Como ſe fora hum perfido inimigo.

Di

Do teu cego furor me compadeço:
Goza da liberdade, que desprezas;
A tua espada toma; So te peço,
Que saibas empunhalla, como Heróe,
No ardor Militar, que ao peito inflâma;
Por credito da Patria, honra do Cezar,
E por gloria immortal da tua fama.

Fil. Convèm ceder ao fado. Acceito a espada
Da tua maõ, e juro,
Que saberei brandilla em damno acerbo
Dos inimigos meus. (Mas te seguro,
Que o meu maior contrario és tu, sober-
bo) *Vai-se.*

Bel. Vai, oh infeliz amante: eu ta respeito
De Porcia o coraçaõ, que em si existe:
Góza as doces finezas de seu peito,
Que eu'aa suas mudanças choro triste:
Mas só me queixarei do meu destino,
Que de obter sua maõ me fez indigno.

ACTO III. SCENA I.

Gabinete com cadeiras. *Onoria com huma carta.*

Ono. Belizario ingrato; agora
Experimentarás as iras
Daquella, que mais te amava;
Que a distincçaõ de Rainha;
Hum dezesperado amor,
Que de prezente fulmina
Raios de vingança, contra
Teu credito, e tua vida:
Esta carta, com qua a Porcia
Teus excessos verifica,
Será o féro instrumento
Da tua fatal ruina.

Sabe Justiniano.

Just. Onoria! Graças ao Ceo;
Que te vejo, gloria minha!
Porque te escondes? Naõ sabes;
Que és toda a minha delicia?
E que naõ tem, sem te verem,
Os meus olhos alegria?
Ja meus Vassallos esperaõ
Com fausto o proximo dia;
Para beijarem a maõ
A' sua nova Rainha;
E eu, cara Espoza....

Ono. Espera;
Mais tua voz naõ profira
Taõ doce nome.

Just. Porque?

Ono. Porque sou ja delle indigna.

Just. Indigná, Onoria, de seres
Minha Espoza? Ah minha vida!
Quem tanto bem me embaraça?

On. Hum traidor.

Just. Oh Ceos! Deliras?

Ono. Sim, Justiniano Augusto;
Huma paixaõ me allucina;
Naõ posso fallar; porèm
O que a voz te naõ explica,
Te expressem meus tristes olhos
Em lagrimas successivas. *chora.*

Just. Choras, meu bem! E hum traidor
Tuas lagrimas motiva?
Que sacrilego se atreve
A offender a esclarecida
Espoza de Justiniano,
Sem temer sua justiça?
Quem he o traidor?

Ono. Aquelle,
A quem mais amas, e estimas.

Just. Se aquelle, a quem mais eu amo,
Te offendesse, (oh Ceos!) veria
Em odio trocado o amor.
Tua offensa, Espoza, he minha;
E naõ dève hum Soberano
Disfarçar as ouzadias
De hum máo vassallo, ficando
A Magestade offendida.
Declara-o, pois.

Ono. Senhor, já;
Que declarallo me obrigas;
O faço; e os Numes sabem
Quanta violencia excessiva
Me faz queixar-me de quem
Tua vontade domina.
Just. Oh Deozes!
Ono. Em Belizario
Conhece (se te confiás
Neste meu pranto) o traidor;
Que ao meu discredito aspira.
Just. Em Belizario o traidor!
Ah, Onoria! Naõ podias
Disparar contra meu peito
Mais penetrantes feridas.
Ono. Juro pelos Numes, que
Se os meus aggravos naõ vingas,
No sangue daquelle infame,
Eu mesma....
Just. Espoza querida,
Socega a tua paixaõ;
Pois mais prudencia preciza
O exame do seu delicto:
Jamais a hum réo se castiga,
Sem a prova, que requer,
A inteireza da justiça:
Os nossos olhos ás vezes
Se illudem: e na fantazia
A imagem do seu engano
Pintaõ com cores taõ vivas,
Que os mais sentidos á sua
Illuzaõ sugeitos ficaõ:
Huma equivoca palavra,
Ou talvez mal entendida,
Póde ser de hum grande erro
Cauza.
Ono. Sua impudicicia
He tal, que a illicito amor
Seduzir-me pertendia.
Com grande severidade
Lhe reprehendo a ouzadia,
Lembrando-lhe o teu poder,
Minha affronta, e sua iniqua
Temeridade: Elle entaõ,
Cheio de audaz ufania,
Me respondeo: Que o Imperio,
A vida, e a paz lhe devias:
E que era, como tu, digno
De lograr-me. Infurecida
O deixei; e por violencia....
Just. Baste: Mais me naõ afflijas.
(Assim Belizario abuza
Da minha amizade! A vida,
O Imperio, e a paz lhe devo;
Mas com que mereça distinctas
O naõ premiei; E ingrato
Se atreve, com ignominia
Do meu respeito, a offender-me
Na parte mais sensitiva
Da minha alma!) Ah Onoria!
Eu naõ crera taõ indigna
Maldade, naõ sendo tu,
Quem a traiçaõ certifica.
Ono. Queres outra prova? Lè
Essa carta, e te horroriza
Do seu vil atrevimento. *Da-lhe a carta.*
Just. Isto he mais! Ceos! ao abrilla
Me treme o braço, e nas veias
Todo o sangue se me esfria.
Lendo. Bella, e cruel, se o teu rigor tiráno
Me condemna á morrer, deixa q̃ ao menos
Alimente a meu peito hum doce engano,
Antes da minha morte: imprimir deixa
Na tua gentil maõ, meus labios ternos,
Por dezafogo, em fim, da minha queixa.
Ama embora esse amante affortunado,
A quem eu conservei a paz, e a vida,
Para ser aos teus olhos desgraçado.
Inda que a seu amor faças offensa,
Em hoje me attender, seja este excesso
De tantos beneficios recompensa:
Naõ sejas com meus ais em tudo ingrata,
Ouve-me huma só vez, depois me mata.
Fica suspenso.
Ono. (Ficou transportado: já
Meus enganos acredita:
Quem bem naõ sabe fingir,
Triunfar naõ sabe.) *á p.*
Just. Malignas
Estrellas! Que tenho lido?
Do traidor he letra, e firma.
Onde hum amigo fiel
Encontrarei, se o que tinha
Por mais leal, e sincéro,
Levado de huma lasciva
Paixaõ, deslustra as acçoens
Com manchas da vil perfidia?
Ono. Que dizes, Senhor, agora?
Just. Ah! deixa-me, e te retira.
Ono. Inda pódes duvidar?

Just. Naõ sei se o duvide ainda:
Sei, que, qual louco, me sinto
Lutar entre o amor, e a ira.
Ono. Vê que sou eu quem se queixa.
Just. A tua queixa me obriga
A crello réo: a experiencia
Das suas esclarecidas
Acçoens, me faz duvidar
De taõ vil aleivozia.
Ono. Tuas duvidas, ingrato,
Me deixaõ muito offendida.
Declarei-te a offensa: e agora,
Que cheguei a proferilla,
Se faz a minha vingança
Indespensavel. Castiga
Aquelle traidor, se queres,
Que eu seja do Trono digna:
Que em quanto de hum máo vassallo
Que o meu decoro injuría,
Me naõ dás satisfaçaõ;
Naõ mereço o ser Rainha:
E juro, que inutilmente
Nossas Nupcias determinas,
Sem que a maõ Regia me dès
No sangue do infame tinta. *Vai-se.*
Just. Oh Deozes! A minha Espoza
Esta carta he remettida
Por Belizario! He possivel,
Que a minha Soberania
Naõ refree a paixaõ louca
De hum amor, que o allucina!
Mas elle vem: Justos Numes!
Com que socego encaminha
A' minha prezença os passos!
Conter quero as minhas iras.
O seu placido semblante
Fiel innocencia indica:
Pois treme sempre o culpado
Do seu offendido á vista.

Sabe Belizario.

Bel. Meu Soberano!
Just. Que queres!
Bel. Os Africanos soberbos,
Novamente sublevados,
Recuzaõ pagar o feudo,
Que, como Conquista tua,
Devem a o teu vasto Imperio:
Permitte, Senhor, que eu vá
Castigar-lhe o atrevimento.
Just Naõ he precizo: pois ja
De Ormonte fiei o pezo
Das Africanas Conquistas:
Elle he illustre Guerreiro;
Mas se se vir apertado,
Irás tu à soccorrello.
Bel. Senhor, ou indo, ou ficando;
Ou na guerra, ou no socego
Da paz, te sirvo fiel,
Quando as tuas Leis observo.
Just. Attende-me, Belizario,
E responde-me sincéro
Ao que te pergunto.
Bel. Julgo,
Que do meu càndido genio
Tens, Senhor, immensas provas.
Just. Dize-me: Quem he o objecto,
Que te despreza cruel,
Amando-o com tanto excesso!
Bel. Ah, Senhor! mais dessa ingrata
Me naõ lembres os desprezos:
Por outro feliz amante
Me deixou; e ja naõ tenho
Esperança, que me anime,
A esféra reconhecendo,
Do meu ditozo rival.
Just. O seu nome saber quero.
Bel. Se o meu damno he sem remedio,
Para que o queres saber!
Permitte-me, que em silencio......
Just. (Oh Ceos! tanta renitencia!)
Mando que o digas: naõ deves
Mais duvidar.
Bel. Obedeço:
Renovem embora as feridas
Da minha alma os teus preceitos:
Poreia he o Idolo, a quem
Sacrifiquei meus affectos:
Antes, Senhor, que eu partisse
De Bizancio, (Oh fado adverso!)
De guardar-mos mutua fé
Fizemos mil juramentos.
Just. E que escuza alega a ingrata;
Teus meritos conhecendo,
Para te faltar á fé!
Bel. Por mais, Senhor, que me queixo
Da sua falsidade lhe
Resposta hum triste silencio.
Just. Naõ tens outras provas mais

Da sua mudança?
Bel. Tenho:
E, ao dizellas, Senhor;
De afflicçaõ se opprime o peito.
Just. Dize-as.
Bel. Apenas cheguei,
Coroado de Louro excelso;
E da tua maõ benigna
Recebi taõ altos premios,
Busquei a minha adorada,
Para cóm amor sincéro,
De todos os meus triunfos
Lhe fazer offerecimento:
Causaraõ as nossas vistas
Em ambós, tristes effeitos:
Nella, por envergonhada
Da falta dos seus prottestos;
Em mim, por ver mal logrados
Meus amantes juramentos:
E sem se atrever a olhar
Para meu funebre aspecto;
Dè horrorizada, fixou
No chaõ os seus olhos bellos:
Argui-a de perjura,
Lembrando-lhe o juramento;
E me respondeo: Ai, triste
Belizario; foi adverso
Meu fado: deixa-me, e parte:
Por piedade to peço:
E soltando entre suspiros
Correntes de pranto terno;
Me dava a entender, que ja
Naõ tinha o meu mal remedio.
Just. E naõ conheces ainda
O teu rival?
Bel. Sim, conheço:
Mas disputar-lhe as razoẽs
Da minha queixa naõ devo.
Just. Quem he?
Bel. Filippe.
Just. Que dizes?
Bel. Que elle he o ditozo objecto
De Porcia.
Just. E ao teu contendor
Dezataste os duros ferros,
E livraste hoje da morte?
Bel. Venceraõ-se os meus affectos
Dos estimulos da gloria.
Just. Se fosse amor verdadeiro
O que expressas, cederia
A tua gloria aos teus zelos.
Bel. Adoro a Porcia: o Ceo sabe
As afflicçoens, que a meu peito
Custaõ a sua mudança:
Mas se hum destino funesto
Me faz indigno de obtella,
Fora, Senhor, vil excesso
Vingar-me em quem he mais digno
De possuir seus affectos.
Just. Belizario, essa glorioza
Acçaõ, sim he dezempenho
Do teu honrado caracter:
Porèm.... mais claro fallemós:
Outra mais illustre flamma
Accendeo de amor teu peito;
E esta só fez que podesses
Soffrer em paz teus desprezos.
Bel. Ah Senhor! Naõ queira a sórte
Que eu jamais viva sogeito
A outro amor: Basta a memoria
Deste, que me foi funesto,
Para me eternizar n'alma
O mais sensivel tormento
Just. Mais do que pensas, sciente
Estou do teu novo emprego;
Este me offende; porèm
Outra prova dar-te quero
Do meu amor. A verdade
Me falla, como mereço,
Que eu te perdoo benigno
Os teus amorozos erros.
Bel. Senhor, se adorar a Porcia
Offende ao teu poder Regio,
Castiga-me como réo:
Mas crè, Senhor, que naõ tenho
Outra Dama, que me obrigue
A fazer hum leve extremo.
Just. Conhecerás esta carta? *mostra-lha.*
Bel. Que eu a firmei te confesso.
Just. A quem a escreveste?
Bel. A Porcia.
Just. A Porcia! Como dè certo
Fallas em Espozo, se ella
Te naõ disse os seus segredos?
Bel. Porque Filippe intentou
De vingar em mim seus zelos.
Just. E esse he o Espozo, a quem
Salvaste a vida, e o socego?
Bel. Se paz, vida, e liberdade
Lhe dei, o sabes tu mesmo;

Pois

Pois com meus rogos humildes,
Tua justiça vencendo,
Duas vezes das cádeias
O soltei.

Just. (Eu estou perplexo:
Naõ sei, naõ sei a que parte
Incline os meus pensamentos,
Se ás lagrimas de huma Espoza;
Se de hum vassallo aos protestos.
Façamos mais outra prova:) *á p.*

Bel (Ceos: De que estará suspenso.)

Just. Ohlá, à minha prezença

Sahe, e parte hum Soldado.

Venha ja Porcia. (Apuremos,
Ou da innocencia a candura,
Ou da traiçaõ o veneno.)

Bel. Ah Senhor: para que mandas
Chamar a Porcia! Pois vendo
A meu favor inclinado
O teu Augusto respeito,
Cedera do novo amor,
Tuas reprehençoes temendo:
Mas eu, Senhor, que a violencia,
Que lhe hei de cauzar, conheço,
Possuir-lhe a formozura
Sem o coraçaõ, naõ devo:
E pois com tuas grandezas
Taõ ditozo me tens feito,
Naõ me faças desgraçado,
Com hum consorcio violento.

Just. Naõ me seguras, que adoras
A Porcia!

Bel. Mais que a mim mesmo.

Just. Logo como és desgraçado;
Se consegues teus dezejos!

Bel. Eu, Senhor, buscava unir
Huma Consorte a meu peito,
Taõ socia dos meus costumes,
Que a grandeza, em que me vejo,
Fizesse ainda mais fausta
Com o seu contentamento;
E nas desgraças da vida,
A que os mortaes estaõ sugeitos;
Consolasse meus trabalhos
Com seu amor, e conselho:
Mas huma Espoza violenta,
Tem por castigos os premios;
E as desgraças por desculpa
Do seu aborrecimento.

Just. Porcia vem. Em quanto fallo
Guarda inviolavel silencio.

Sahe Porcia com hum Soldado, que logo se vai.

Por. Meu Augusto Senhor, por teu mandado,
A's tuas Regias plantas tens prostrada
Huma triste mulher, a quem o fado
Quer fazer de ditoza, desgraçada.

Just. Belissima donzella, naõ te prenda
Do improvizo temor o pejo justo,
Proprio do teu estado, e tua idade:
Vè que prezente tens o teu Augusto;
O teu Juiz, e Pai: a autoridade
Destes titulos, que ouves, crè, e espera;
Que, qual filha, vassalla, e pertendente
Falles commigo placida, e sincéra.

Por Por costume, Senhor, o q̃ a alma sente
Profere a boca só sem o artificio
Da lizonja, e do engano:
A verdade direi sincéra, e pura;
Inda que a confissaõ seja em meu damno:
E pois tenho na minha desventura
Em ti Juiz, Monarca, e Pai benigno,
Como filha, vassalla, e pertendente,
Espero que melhores meu destino.

Just. Dize, Porcia, rendeste ja teu peito
Aos empenhos de amor.

Por. Rendi constante.

Just. Mas o teu coraçaõ naõ sente o effeito
Daquelle terno golpe,
Que primeiro o ferio!

Por. Foi penetrante.

Bel. Nova flamma de amor, em doce trato;
Te extinguio a primeira!

Por. Oh Ceos! Que dizes!
Naõ me trates assim, querido ingrato;
A mesma sou: a mesma....

Bel. Sim, no engano.

Just. Calla-te. *a Bel.*

Bel. Na traiçaõ com que disfarças.

Just. Belizario, inda falla Justiniano;
E do imposto silencio, inda a Lei dura.

Bel. Eu me callo: mas crè que foi perjura!

Just. (Declarou-se o delicto: por Onoria
A maõ da fiel Porcia repudia:
De minha Espoza a queixa, e a minha afronta,

Pe-

Pedem vingança desta aleivozia.)
Dize, esperas ser correspondida
Do objecto, que adoras?
Por. E o espero,
Em quanto o Ceo piedozo me der vida.
Just. Que esperança a teu firme pensamento
Naõ efficaz anima?
Por. O juramento.
Bel Mas se a elle faltaste?
Por. Ah, que he engano!
Bel Tua mudança....
Just. Oh lá! Justiniano
Continúa a fallar.
Bel. Senhor, perdoa.
Just. Tu, Porcia, naõ me fallas a verdade:
O que o teu peito sente a lingua calla.
Por. Se te falto, Senhor, á lealdade,
Que te devo guardar, como vassalla,
De Jupiter a maõ Omnipotente
Fulmine contra mim hum raio ardente.
Just. Sei que amas a Filippe.
Por. Oh Ceos, que offensa!
Bel. Perdoa-me, Senhor: Falla sem susto: *a Por.*
Naõ receies de hum mizero a prezença:
Belizario naõ te ouve, sim o Augusto.
Just. Mas o Augusto, callar inda te manda;
E se faz réo quem do preceito abuza.
Bel. (Isto he mais que morrer!)
Por. (Eu estou confuza!)
Just. Em fim, Porcia, no seu primeiro extremo
Preziste o teu amor? Nunca a Filippe
Juraste fé?
Por. Naõ: antes o aborreço,
Qual meu maior contrario.
Just Logo todo o teu bem....
Por. He Belizario.
Just. Da-lhe de Espoza a maõ.
Por. A melhor fado *Assim o faz.*
Naõ podia aspirar: Ah meu Augusto,
Tu me fazes feliz! Toma adorado.
Bel. (Porcia he fiel! que observo, oh justo Ceos!)
A tua maõ me dás?
Por. De amor rendida.
Bel E o teu coraçaõ?
Por. Sempre foi teu.
Espoza fiel!
...ha vida!

Just Guardai para outro tempo o vosso extremo,
Se outro tempo tiveres de expressallo;
Que talvez que o limite a justa pena
Na perversa traiçaõ de hum mao vassallo.
Bel. Eu estou innocente.
Por. Teu rigor, oh Monarca poderozo,
A minha desventura naõ renove;
Belizario he fiel.
Just. He hum aleivozo.
Bel. Delicto em mim, Senhor?
Just. Atrevido, ouve:
Se enganar intentavas, o Ceo justo
Permittio, que eu soubesse os teus enganos:
Olha bem para mim: o teu Augusto
Offendido sou eu; teme os teus damnos.
Pondera bem, que se a paixaõ de amigo,
Que me devias, fez no teu conceito
Minha justiça frouxa, o teu castigo
Poderá resarcir-me do respeito.
Vi nesta carta,
Cauza, porque a punir-te me rezolvo;
Ella te accuza; Porcia te convence:
Tu mesmo te condemnas, e eu naõ te absolvo.
Bel. Me accuza a carta!
Porcia me convence? Eu naõ entendo.
Por. Que delicto he o seu?
Just. Delicto horrendo, que devo castigar:
Bella cruel (ingrato) a Porcia escreves!
Bel. He verdade, Senhor, porque entendia....
Just. He cruel quem te adora? Assim te atreves
A enganar-me, infiel? Que aleivozia?
Por. Belizario traidor? Oh impia estrella!
Tu te enganas, Senhor. Mizero Espozo!
Just. A enganada, tu és, pobre donzella,
Que te rendeste a hum monstro cavilozo.
Todo o resto da carta agora entendo.
Aquelle, que lhe deve a paz, e a vida,
Póde, em castigo do teu crime horrendo;
Tirar-te vida, e paz de hūma ferida.
Torna em ti, Belizario, ponderando
No funesto erro teu? perdaõ implora:
Risca as imagens, que te fazem réo;
E da tua traiçaõ o excesso chora. *Vai-se.*
Bel. Como a hum traidor me insultas? Que desgraça?
Ouve as minhas desculpas. Que delicto
Achas

Achas em mim, que desleal me faça?
Por. De que erro te faz réo? que carta he aquella?
Bel. Huma, que te escrevi, em q̃ zelozo
Te chamava, meu bem, cruel, e bella.
Mas quem lha deu naõ sei.
Por. Ah caro Espozo!
Essa carta infeliz lhe foi entregue
Pela barbara maõ de Onoria féra:
Apenas huma vez a tinha lido,
Da maõ ma arrebatou impia, e sevéra;
E minha fé culpando de atrevida
Fez protteslos de ser nossa homecida.
Revele-se o segredo: saiba o Cezar,
Com tua innocencia o seu delicto;
A's suas Reaes plantas vou queixar-me
Da falsa accuzaçaõ: Ao pranto afflicto
De huma triste mulher, qual me pondèra,
Benigno attenderá: Segue-me, Espozo.
Bel. Ir naõ devo.
Por. Irei só. *partindo.*
Bel. Ah Porcia! Espera. *detendo-a.*
He mui forte a cadea, com que prezo
Tem Onoria ao Augusto: Elle a adora,
Inda mais, que a si proprio: Em teu desprezo
As queixas te ouvirá; e a essa traidora,
Que a enganallo astucioza he costumada;
Julgará innocente, e a ti culpada;
E do teu piedozo amor só tiras
O ficar mais sogeita ás suas iras.
Por. Os enganos de hum peito delinquente
Haõ de prevalecer? Naõ; naõ os teme
Meu forte coraçaõ, que he innocente.
Bel. Logo tu me és fiel? Logo he verdade,
Que a Filippe aborreces?
Por. Se o duvidas,
Da tua Espoza offendes a lealdade.
Bel. Mas porque taõ cruel me foste, quando
Cingindo a fronte o Lauro da victoria,
Amante te busquei, para renderte
Todos os meus triunfos?
Por Da impia Onoria
Foi barbaro preceito o meu silencio:
Ella, escondida, me escutava, e via:
Qualquer agrado meu, qualquer fineza
Dezafiava a sua tirannia;
Sendo, por dura lei dos seus rigores,
Verdugos para ti os meus favores.
Bel. Vingativa mulher! Monstro do abismo!
Que odio he o teu? Que mal te tenho feito?
Que até queres, por credito do estrago,
O Idolo arrancar-me de meu peito?
Por. Naõ o conseguirá.
Bel. Ai Porcia bella!
Porque de mim naõ foges timoroza;
Dos influxos fataes da minha estrella?
Por. Teu amor naõ me ensina a ser ingrata.
No auge esclarecido da ventura,
Póde ser a amizade lizongeira;
Mas no centro da triste desventura;
Quem quer acompanhar-te he verdadeira.
Seja huma só a tua, e minha sórte,
Na alegre dita, ou triste adversidade:
E se o Augusto me quer tua consorte,
Suas Leis cumpro, e a minha lealdade.
Bel. Justos Numes do Ceo, eu vos dou graças:
Pois no mizero estado, em q̃ me vejo,
Benignos consolais minhas desgraças!
Dando-me nos trabalhos, que prevejo;
Para poder levallos com paciencia,
De huma Espoza a constancia, e a innocencia.
Por. Dá-me, pois, tua maõ.
Bel. Sim, Porcia amada.

Daõ as maõs, e sahe Onoria.

Os dois. Sejaõ os altos Numes testemunhas.
Ono. Naõ precizais de prova taõ Sagrada:
Testemunha eu serei do vosso extremo,
Oh felices amantes.
Por. Ceos! As iras
Dissimula a cruel? De vella tremo.
Ono. Prosegui, venturozos namorados;
As doces, e reciprocas finezas:
De contentes vos ver, e socegados,
Eu me alegro tambem.
Bel. Onoria, entendo
A força da Eronia rigoroza:
Escondes entre as flores do teu rizo;
Do teu odio a serpente venenoza:
Sei que o meu sangue derramar procuras;
Sei que me és inimiga.
Ono. Que proferes?
Que idéa te fingio essas loucuras?
Eu derramar teu sangue? Eu inimiga
Do Grande Belizario? Que poderes

A fór-

A sorte me daria;
Que fizesse tremer o Heróe da Grecia:
A columna, em que firma a Monarchia
Hum grande Imperador, que respeitando
Està suas proezas: Naõ, naõ creio:
Ou he vaõ seu temor, ou esta zombando.

Bel. Deozes! Bem he verdade, que naõ temo
De teus impios rigores a violencia.
(Se a temera, tivera ao Cezar dito
Os teus erros, que callo por decencia.)
á p. a Onor.

Ono. Oh infiel! com tanto atrevimento
Fallas á que ha de ser tua Rainha!

Bel. Inda, falça, o naõ és: ainda póde
Ser tua grandeza igual á minha.
Hontem Rei dos Romanos acclamado,
Este povo me vio: e me vê hoje
As injurias soffrer de hum vil culpado,
Por hum peito aleivozo.

Ono. Immudece, traidor!

Por. Ah! baste, Espozo:
Da tua pura fé estou sciente:
Tua razaõ he forte: o Ceo he justo;
A culpa punirá do delinquente.

Bel. Ah dulcissima Porcia! Minha vida;
A tua compaixaõ....:

Por Sim, em teus bráços;
Meu fiel Belizario... *Abraçaõ-se*

Ono. Oh atrevida!
Ja naõ temes os féros ameaços
De huma aspera vingança! Na prezença
Da tua Soberana, abraças, louca,
O soberbo motor da sua offensa!
Respeita a minha Lei.

Por. Quando a cumpria,
Era amante infeliz; sou ja Espoza:
Naõ póde a tua féra tirannia
Do meu peito arrancallo: os teus decretos
Validade naõ tem nos meus affectos.

Ono. Sem meu consentimento és sua Espoza!
Que dizes, infiel!

Por. Que ja cumprimos do Augusto o preceito.

Bel. Elle Espozos nos quiz: as maõs unimos:
Deixa-me em paz lograr minha consorte,
Assim o Ceo te dè ditoza sorte.

Por. Vamos, Idolo meu. *partindo.*

Bel. Vamos, amada.

Ao tempo, que partem abraçados, Onoria se mette de permeio, e os desune, e detem.

Ono. Soberbos, apartai: eu vos prottesto
De vingar minha injuria.
Fará vosso Hymeneo, triste, e funesto
O violento rigor da minha furia.

Por. Poderàs, da vingança enfurecida,
Derramar nosso sangue; mas naõ pódes,
Em quanto nos permitte o Ceo a vida,
Dezatar este vinculo Sagrado,
Que os nossos coraçoẽs já tem ligado.

Ono. Cortallos saberei. Oh là!

Bel. Que intentos barbaros saõ os teus!

Ono. Chamar quem prostre
Os vossos desleais atrevimentos.

Bel. Que poderoza maõ se atrevera
A prostrar Belizario, que naõ fosse
A Regia maõ.

Sahe Filippe.

Fil. A minha prostraria
A tua audaz soberba, se eu mandado
Naõ viesse do Augusto a conduzir-te.

Por. Para donde, tiranno, o Espozo amado
Me queres conduzir! Minha fé pura
Me obriga a acompanhallo, inda que seja
No carcere, ou na triste sepultura.

Ono. Eu, louca, to embaraço. *apartando-os*

Por. Que impiedade!
A dividir-nos, barbara, te atreves!
Qual lei injusta manda esta crueldade!

Ono. Meu querer he a lei que cumprir deves.

Fil. Porcia deve ficar: tu me acompanhas
a Belizario.

Bel. Ah Filippe; Filippe! conseguiste
Das tuas acçoẽs grandes a façanha,
A que mais aspiravas; mas te lembro;
Que a vida, e a liberdade, de que gozas;
Eu benigno te dei: e só te pesso,
Que sejas huma vez cómigo grato.

Fil. A vida, e liberdade eu aborreço;
Como dadivas tuas.

Bel. Ah ingrato!
Com Onoria cruel te associaste;
Para me arruinar.

Fil. Soberbo, baste:
Meus passos segue ja.

Bel.

el. Onde destinã
O Cezar o meu carcere!
il. Ainda prezo
O Cezar te naõ manda; determina,
Que te conduza á sua Real prezença.
el. Obedeço.
Veja-me sempre humilde o meu Augusto
Suas Leis observar: a Deos, Espoza.
or. Ai de mim! *ebora.*
no. Indigna! Choras!
el. Fica meu bem: de ti, impia, me queixo
Aos Numes do Ceo.
il. Inda naõ partes!
el. Porcia, eu me aparto: o coraçaõ te deixo.
or. No coraçaõ me diz a dor intensa,
Naõ verás mais o Idolo, que adoras.
il. A furia dos meus zelos impacientes
Ja naõ posso soffrer: Que mais se espera!
or. Eu te sigo tambem.
no Naõ to permitto.
or. Ja tens Imperio em mim!
no. Ja, orgulhoza.
or. Antes, querido Espozo, q̃ te auzentes:..
no. Naõ o demores mais.
Por. Deixa-me, féra.
Rompe por diante della, e vai para Belizario.
Ono. Naõ vês que to prohibe o meu preceito?
Bel. Que me queres, meu bem!
Por. Da-me a tua maõ.
Bel. Toma-a, que he tua.
Fil. e Ono. Soberbos, apartai-vos.
apartando-os.
Por. Aperto unida ao peito
Esta, que mais que os bens do mundo estimo.
Bel. E eu na tua, meu bem,
Candida, e bella,
Os meus labios imprimo.
Fil. Oh furia!
Ono. Oh inveja!
Bel. e Por. Justos Ceos
Protegei a innocencia.
Fil. e Ono. Vinde.
Filippe a Belizario, Onoria a Porcia, puchando-os.
Bel. e Por. Vamos, crueis: Consorte, a Deos.
Fil. e Ono. Esse o ultimo à Deos, talvez que seja.

ACTO IV. SCENA I.

Gabinete: divizaõ atraz do panno. Belizario sentado, dormindo, encostado á meza. Sahe Onoria com hum punhal na maõ, observando-o; e trará hum retrato della mesma.

o. Com tanto socego o ingrato
Dorme sobre os meus ludibrios;
Sem que o dispertem as iras
De hum coraçaõ vingativo!
Elle socega: e eu naõ posso
Dar descanço aos meus sentidos;
Em quanto com sua vida,
Meus desprezos naõ extingo:
Este mortifero ferro
Lhe traspasse o peito indigno.
Olha se a vem;
Agora, que testemunhas
Naõ tenho deste homicidio;
Morra o falso.... Mas que faço?
Com seus ultimos gemidos
Se alvorotaráõ os Guardas:
E póde.... Melhor me vingo,
Deixando-lhe este retrato, *mette-lho na*
Que do seu crime fingido *(maõ.*
Será huma prova mais,
Para apressar-lhe o castigo.
Olha para a Scena.

Cerrar vem: sem que me sinta,
Neste quarto me retiro.

Esconde-se, e sabe Justiniano.

Just. Que conceito, oh Ceos! faria
O mundo de mim, se impío,
A Columna derribasse
Do meu Trono esclarecido!
Viva Belizario, e vá
Augmentar os meus Dominios
Nas Africanas Conquistas:
Talvez, que lá esqueceido
Do amor, que o fez delinquente,
Torne a ser, como antes, digno.
Repara em Belizario.
Triste Belizario! Agora,
Que adormeceo, permittido
Me seja este dezafogo.

Vai abraçá-lo, e vê o retrato.

Com meus braços.... Mas que admiro!
Naõ he retrato de Onoria,
O que nas maõs lhe divizo?
He certamente: Provado
Está o crime do indigno:
Perdoa, Onoria, que cego
Do amor deste fementido,
Como devia, naõ dei
Inteira fé aos teus ditos;
Agora serás vingada;
Pois tua queixa a[illegible]dito,
Verás, traidor Belizario....

Desperta Belizario.

Bel. Quem me chama? Ah meu benigno
Senhor! Tu aqui? Por ventura
Vens a consolar o afflicto
Coraçaõ de Belizario?
Just. Vim a descobrir, iniquo,
O que ha pouco naõ podia
Acreditar compassivo:
Agora que o crime he certo,
Certo será teu castigo.
Bel. Oh Deozes! Senhor, que dizes?
Que culpas em mim tens visto?
Just. Sim, traidor, ja descobri
O crime mais exquizito:
A mais horrenda traiçaõ,
Que tem hum vil commettido,
Com offensa do Real
Decoro.
Bel Numes do Olimpo!
Em taõ funestos enganos
Me assisti compadecidos.
Just. Esquece-te, ingrato, ja
Do meu amor: que esquecido
Ja dos teus merecimentos,
Com tuas traiçoẽs, me sinto:
Pois só me lembra o haver-te,
Com offensa do meu brio,
Taõ injustamente amado.
Bel. E comtudo, se examino
Meu amor, e minha fé,
Dos teus affectos sou digno.
Eu sou aquelle, que sabe.....
Just. Enganar falso, e fingido
Ao seu Monarca: Es aquelle,
Que com tantos dezatinos,
Quantos te fazem vil réo,
O tens, ingrato, offendido
Na honra, e no amor.
Bel. Augusto,
Attende-me compassivo:
De que honra, e amor me fallas?
Just. Fallo-te, sim, atrevido,
Daquelle amor, de que faz
A tua culpa caprixo,
Contra a honra de quem póde
Castigar teus desvarios.
Conheces este retrato?
Perfido! Que Astro maligno,
Para te infamar te influe
Tantos amantes delirios!
E te atreves, insolente,
A por-lhe os olhos indignos,
Sem veres, que para o Trono
Seu original destino?
Essa, vil, he a tua culpa;
E qual será teu castigo?
Bel. Onde achaste esse retrato?
Quem to deu? Porque motivo
Me culpas?
Just. Ah temerario!
Naõ tinhas adormecido
Com elle na maõ? Eu mesmo
Della to arranquei.
Bel. Invicto
Monarca, vê que te enganas.
Just. O enganador mais impio;

Que vio o mundo, tu és,
De louco amor influido.
Juro pelos Tutelares
Numes da Grecia, e te affirmo
Pelo Sacro Imperial Lauro,
Que a fronte me está cingindo,
Que apagarás com teu sangue
As chammas do teu delicto.
Bel. Ouve-me, Senhor:
Just. Naõ mais:
Muito ja te tenho ouvido.
Bel. A innocencia minha....
Just. Tu
A manchaste como iniquo.
Bel. Pelo teu amor ao menos::::
Just. Em odio está convertido.
Bel. Tua piedade....
Just. Abuzaste
Ja della, com meu ludibrio.
Bel. O valor, a fama, a gloria
Dos feitos esclarecidos,
Com que do teu vasto Imperio
Tenho augmentado os Dominios,
As fadigas, os trabalhos,
O muito sangue vertido
Pelas honradas feridas,
Que recebi nos conflictos;
Julgo que attençaõ merecem
De hum Monarca justo, e pio.
Just. Essas proezas, que allegas,
Fizeraõ-te o mais distincto
Vassallo do meu Imperio:
Té te igualaraõ commigo:
Mas tu com tuas loucuras,
Todas tens escurecido.
Bel. Louco estarei: pois naõ he
Muito que perca o juizo,
Quem perde, por traiçaõ de outrem;
Do seu Monarca o abrigo:
Mas culpado naõ: que estou
Innocente de delictos.
Just. Ah traidor! He innocente
Hum coraçaõ taõ maligno,
Que de contumáz paixaõ,
Barbaramente abstrahido,
Nutre em si hum amor louco;
Ao seu Monarca offensivo!
Bel. Mas se te enganaraõ!
Just. Quem, falso!
Bel. Os meus cruais inimigos;
Filippe, e Onoria::::
Just. Filippe,
De minha Espoza he Sobrinho;
E sciente da traiçaõ,
Que contra mim commettido
Tinhas, era teu contrario:
Onoria, teus tresvarios
Reprehendendo, quiz livrar-te
Do castigo merecido:
Mas como em lugar da emenda
Multiplicaste os motivos
Da sua offensa, lhe foi
O dezaggravo precizo,
Este retrato, que vez,
Mudamente vingativo,
Contra os teus atrevimentos,
Justiça me está pedindo:
Nos meus olhos, testemunhas
Tens, dos teus vís dezatinos;
E em mim, para castigar-te,
Hum absoluto Ministro.
Oh lá, Guardas, a essa Torre;
Seja esse réo conduzido. *Vai-se.*
Bel. Para que funesta sórte,
Para que triste martirio
Me prezerváraõ os Numes
Da tantos Marciaes conflictos!
Se entre armados Esquadroẽs
Eu tivera falecido,
Seria dos Eróes Gregos
Respeitado o meu jazigo;
Veria a posteridade,
No duro marmore escrito
Hum gloriozo rezumo
Dos meus triunfos distinctos;
Para honrar minha memoria,
E estimular seus brios:
Mas morto como traidor!
(Só de o pensar me horrorizo!)
Encerrará meu cadaver
O Sepulcro dos indignos;
E será na tosca pedra
Gravado, para ludibrio
Da minha memoria, o vil
Epitafio do delicto.
Venceste Onoria: venceste;
Barbara Onoria: Ja sinto
Desmaiar minha constancia
No peito desfalecido:
Mais que Exercitos armados;

Meus estragos conseguiraõ
Tuasirás: Aprendei,
Mizeros mortais commigo;
Que huma mulher vingativa
He o monstro mais ferino,
Que o mundo tem: Suas armas
Saõ lizonjas, artificios,
Calumnias, traiçoens, enganos,
E prantos de crocodilo:
Armas, em fim, fulminadas
Por seus zelos vingativos,
Para servirem no mundo
De nosso maior castigo.

Vai-se, e os guardas, e sabe Onoria.

Ono. Pereça o Heróe triunfante,
Que como Deidade adora
A Grecia, por que naõ tenha
A jactancia, e a vangloria
De desprezar meus affectos,
Sem sentir minhas affrontas:
Mas para encubrir meus erros;
Precizo he, que Porcia morra,
De que traidor fiarei
Esta empreza, sem que o possa
Julgar o Cezar? Ahi vem
Narcete, que aspira a honras
Militares, e procura,
Que eu lhe seja intercessora:
Este será o homicida
Da minha rival.

Sabe Narcetes.

Nar. Onoria!
Ono. Narcete, que queres? dize.
Nar. Quizera, Augusta Senhora;
Que a meu favor te empenhasses
Para vencer as dèmoras
Da minha partida a Italia:
Porque estando taõ revolta;
Pede toda a brevidade.
On. Desecança, que affectuoza;
Para maiores empregos
Destino a tua pessoa:
Agrada-me, e deixa os teus
Augmentos por minha conta.
Nar. Deixa, que, ja como Augusta;
Te beije a maõ generoza;
As tuas Leis me confia,
Verás a execuçaõ promptá.
On. Tu deves, por meu preceito,
Dar a morte a huma traidora.
Nar. Eu matar huma mulher!
On. Sim, a huma féra aleivoza,
Que por terna compaixaõ
Naõ quero fazer notoria
A pena do seu delicto.
Nar. Dize-me quem he.
On. He Porcia.
Nar. Oh Deozes! Huma donzella
Taõ modesta, e virtuoza,
Tem culpa, porque mereça
A morte?
On. He justo que morrá,
Para encobrir sua infamia.
Nar. (Que Sentença rigoroza!)
On. Nessa alta Torre, que cahe
Sobre o mar, ha poucas
A fechei: ninguem o sabe:
E vê que o segredo importa.
Quando o Palacio em socego
Puzerem as escuras sombras
Da alta noite, sóbe á Torre;
E precipita-a nas ondas.
Nar. Prompto estou a obedecerte;
Se Porcia he culpada, morra.
On. E o segredo....
Nar. Desecança,
Que o guardarei.
On. Pois toma
A chave do ultimo quarto;
Que encerra essa criminoza,
Tens entendido?
Nar. Naõ tens
Mais que me encomendar.
On. Olha
Naõ me enganes, porque sou
Vingativa, e poderoza:
Sei premiar quem me serve,
E castigar quem me affronta. *Vai-se.*
Nar. Engana-te, impia, se crês,
Que esta maõ executora
Seja da tua vingança:
Porcia, he jurada Espoza
De Belizario, a quem devo
A minha fortuna toda.
E havia de ser-lhe ingrato?
De Jove a maõ poderoza
Vibraria contra mim

Sua

Suas iras vingadoras:
A soltar vou a innocente;
E o resto fique por conta
Das Supremas Divindades:
Ellas a guiem piedozas:
Pois saõ, como justiceiras,
Da innocencia defensoras. *Vai-se.*

SCENA II.

Sala com meza, cadeiras, e escrivaninhas.

Justiniano sentado, como que acaba de escrever.

Just. Se com os olhos lascivos me offendeo
Belizario infiel, os olhos perca:
Naõ veja o traidor mais a luz do dia:
O rosto, que o fez réo, nunca mais veja:
Entre as escuras sombras do castigo
Passe a vida infeliz. Que impia sentença!
levanta-se.
Os olhos tirarei; aquelles olhos,
Que olhavaõ a augmentar minha Grandeza?
Sim, sim: Aquelles olhos atrevidos
Se empregaraõ em huma Espoza Regia:
E naõ lhos arrancar do rosto, fora
Piedade indigna da Imperial decencia:
Mas cego ficará o caro amigo,
Porque o seu crime vil, foi paixaõ cega:
Escurecida a luz do entendimento,
Qual o ditozo he, que naõ tropeça!
Logre, pois, os seus olhos: e com elles,
Envergonhados, em meu rosto veja.
Resplandecer benefica a piedade,
Com que sei perdoar tantas offensas:
Sua culpa deteste arrependido;
E humilhado a meus pés perdaõ me peça:
Será a absolviçaõ do crime feio,
Das suas acçoẽs nobres recompensa:
Esta de meu amor ultima prova
Darei ao infiel: comigo aprenda
De reger paixoẽs proprias a virtude,
Quanto mais contrastada, entaõ mais bella. *Olha para a Scena.*
Ja entre Guardas vem: Céo! Que semblante!
Na sua intrepidez mostra innocencia;
E com tudo he culpado.

Sabe Belizario com cadéas entre guardas.

Bel. Justiniano,
Humilde tens na tua Real prezença
Hum monstro de venturas, e desgraças;
Que lastima, e terror será á Grecia.
Este infausto despenho, em que me vejo;
Daquella elevaçaõ foi consequencia;
Pois na roda flexivel da fortuna
Vacilante girou minha Grandeza.
Esta a primeira vez he, meu Augusto,
Que me vez dezarmado das excelsas
Insignias Militares, que illustraraõ
Meu nome, e teu Imperio enriqueceraõ;
Ja naõ orna o meu lado aquella espada,
Defensora do teu Real Diadema,
Que em Italia, Africa, e Europa respeitado
E temido te fez de Naçoẽs féras:
Porèm inda em mim vez aquelle mesmo
Coraçaõ animozo, aquella mesma
Honrada intrepidez, fé, e lealdade;
Que ja grato aos teus olhos me fizeraõ:
A elles me faz hoje abominavel
Huma féra, que o meu estrago intenta;
E triunfará da minha triste vida,
Pois naõ pode offuscar minha innocẽcia.
Just. Ouve-me, Belizario: e em quanto fallo,
Com teu silencio, minha Lei respeita.
Bel. Muda estatua serei, Senhor, em quanto
Naõ mandas o contrario.
Just. Tua Sentença
Neste fatal papel está escrita:
Mas a piedade, que em meu peito interna,
Me falla a teu favor, me obriga, e pede;
Que a execuçaõ mortifera suspenda:
As tuas culpas ouve, e te defende,
Se innocente tu és: Se és réo, confessa
Teu enorme delicto, e humilde implora
Minha pia, e magnanima clemencia.
Abrazado de amor, impuro, e louco,
Chegou a tua paixaõ á vil cegueira
De expressares a Onoria, minha Espoza;
De hum atrevido incendio as levaredas:
Huma carta lhe escreves, em que lanças
Em meu rosto, teu merito, e proezas;
E depois, com audaz temeridade,
Lhe affirmas, que és, como eu, digno de obtella.

Sena-

Estes olhos, que tantas, tantas vezes
As campanhas Marciaes viraõ cubertas
De inimigos extinctos, e de insignias:
De lanças, capacetes, e bandeiras:
Estes mesmos, que em teu applauzo viraõ
Prostrados a meus pés tantos Diademas,
Quantos foraõ os Reis, que a teu Imperio
Orgulhozos quizeraõ fazer guerra:
Estes olhos, emfim, que inda hontem viraõ
Nesta Cidade a glorioza Scena
De arcos, estatua, carro, loiro, e palmas,
Com que os teus Cidadaõs me receberaõ:
E teràs, Senhor, animo de vellos
Arrancar de meu rosto: Injusta pena!
Ah Monarca enganado! Risca, risca,
Como récto, a mortifera Sentença,
Que o traidor naõ sou eu; me accuza Onoris.

Sabe Onoria.

Ono. Sim, traidor Belizario: Onoria he aquella,
Que te accuza ao Augusto: Elle o Juiz;
Que, como a infame réo, te sentencea;
Tu o vil offensor: eu a offendida.

Bel. Oh Deozes: Assim fallas na prezença
De Belizario!

Ono. A Belizario indigno,
Com tanta audacia fallas? E naõ respeitá
A huma Espoza Real!

Just. Espera, amada:
Neste papel firmei já a sentença
Contra esse vil culpado.

Ono. Dà-ma, Espozo,
Que eu a farei cumprir sem mais detença:
Manda o Imperador: o seu castigo
Fazei executar com toda a pressa.

Dà a Sentença a hum Soldado, que parte.

Bel. Cruel, seràs contente: Eu, voluntario,
Fujó dos olhos téus: que àntes quizera
Entre os monstros estar do negro abismo,
Que diante de ti, barbara fera:
Naõ he taõ horrorozo ao meu semblante
O feio aspecto de Atropos tremenda,
Como ver-te nutrindo no peito impio,
Do vingativo Averno as furias mesmas:
Tu sabes minha fé: sabes, tiranna,
De quem a culpa he; e naõ emendas,
De teu proprio remorso atormentada;
De hum infeliz a mizera Tragedia;
Naõ sentes em teu peito deshumano,
Despedaçar-se o coraçaõ de pena,
Vendo se haõ de arrancar por maõs indignas
Estes olhos fieis sempre ao meu Cezar:
Sabes que naõ sou réo: que, conservando
No coraçaõ a minha fé illeza,
Temendo o Ceo, e respeitando o Augusto,
Quiz antes ser culpado na apparencia,
Que innocente fingido; porèm teme,
Teme, ingrata, o rigor da Maõ Suprema;
Que eu vingado serei....

Ono. Ah meu Augusto!
Isto he muito soffrer! E tens paciencia
Para ouvir, que hum infame à tua Espozá
Com palavras sacrilegas offenda!

Just. Eu me sinto morrer: Guardas, tirai-me
Esse hómem desgraçado da prezença.

On. (Vai, ingrato: e á dor dos meus desprezos,
Na falta dos teus olhos experimenta.) *à p.*

Bel. Ouve, Justiniano: e no teu peito
Estas tristes palavras guarda impressas.
Fazer réo o innocente, e injusto o justo;
Soube Onoria, com barbaras idéas:
Aquelle Eu sou: Tu, este. Mais naõ digo:
Ja parto ao meu supplicio. A Deos, meu Cezar:
Fica, Senhor, em paz: o Ceo permitta
Glorioza fazer minha cegueira:
Que mais suave me he perder os olhos,
Do que ter consentido a tua offensa.

Vai se, e os Soldados.

Just. (As fortes expressoés de Belizario
Me assustaõ: E se a culpa naõ he certa,
Hum tiranno sou eu: De o pensar, tremo.) *à p.*

On. (Vacillante ficou. Ah, nesta Scena
Naõ me dezampareis, artes do engano.) *à p.*
Meu Espozo, e Senhor, se tem aquellas
Palavras de hum traidor forças bastantes,
Que duvidar-te façaõ da firmeza
De huma Espoza fiel, abre-me o peito,

Que nelle a tua imagem vive impressa:
Naõ receies o ser meu homecida, *chora.*
Que morrerei contente, porque vejas,
Que, por dezempenhar minha lealdade,
Té da vida te fiz amante offerta.
Viva Belizario, inda que réo:
E eu morra innocente.....
Just. Por clemencia,
Naõ me repitas mais taõ doce nome!
Oao. Mas se te foi traidor!
Just. Ja satisfeita
De vinganças estás: mais naõ accuzes
Hum mizero infeliz, Impia Sentença!
O amigo perdi, que eu mais amava!
Ja as luzes tirei ao Sol da Grecia;
E ja, por te vingar, do meu Imperio
A colúna melhor lancei por terra. *Vai-se.*
Oao. Valor, meu coraçaõ: Justiniano
Chorando vai de Belizario a perda:
Convem saber com lagrimas fingidas
Acreditar a fé, sentir a offensa.
Despenhada nas ondas ja foi Porcia:
Por ella naõ será mais descuberta
Minha féra vingança. Agora he tempo
De cingir deste Imperio o Real Djademá.
Vai-se.

ACTO V. SCENA I.

Madrugada. Arvoredo. Muralhas da Cidade, com porta no fundo, que se abrirá a seu tempo. *Sahe Porcia.*

Por. Muito tarda Narcete: O Ceo quizesse,
Que da minha fugida a Belizario
Logo avizar pudesse;
Ja vem o Sol rompendo a sombra escura;
E nenhum delles chega! Ah, quanto temo
Novas cauzas à minha desventura!
Afflicto o coraçaõ me vaticina
Em moto dezuzado
De meus dezastres a ultima ruina.
Da demora de meu Espozo amado,
Funesto cazo deve ser motivo:
Mas Narcete, que a vida me salvou,
Avizar-me viria compassivo:
Se aquella impia mulher com Belizario
Me deixasse viver, da Corte auzente,
Inda que em pobre estado, lograria
De meus dias o resto mui contente;
Porém ja da Cidade as portas abrem:
Por naõ ser conhecida,
Neste bosque me escondo: Justos Numes,
Defendei do meu triste Espozo a vida.

Esconde-se, e sahe pelas portas Decio, com Soldados, que trazem a Belizario cego, com cadêas.

Bel. Porque me escarneceis, ó Povo insano?
Se mais digno vos he em mim chorardes
Das mudanças do mundo o dezengano:
Amigos, com palavras injuriozas
Naõ maltrateis a hum pobre: consolai-me
Com expressoẽs de proximo piedozas;
E se acazo podeis, dai-me huma esmóla:
Lembrai-vos, que comvosco repartia
Daquelles bens, que o Ceo me concedia;
Tudo perdi no mizero despenho
Da minha elevaçaõ: e estou taõ pobre,
Que nem para chorar ja olhos tenho:
Só me ficou a sabia experiencia
De conhecer do mundo os vis enganos:
E saber com constancia, e com paciencia
Consolar os meus damnos com meus damnos.
E vós, que do meu mal rides sem susto,
Este exemplo tomai, q̃ he pio, e justo.
Dec. O Decreto do Augusto está cumprido;

Sol-

Solto deixai efte homem defgraçado.

Bel. Illuftre Capitaõ efclarecido,
Eftá executado quanto ordena
O noffo Augufto, ou he maior a pena?

Dec. Naõ, oh monftro da fórte variavel;
Em liberdade eftás: Refpirar pódes,
Debaixo de outro Ceo, ar mais faudavel.
Vai-fe e os Soldados.

Bel. Da Grecia fugirei: mas para donde,
Se naõ fei donde eftou? Que eftrada he efta?
Ninguem às minhas fupplicas refponde?
Naõ ha hum pobre Camponez piedozo,
Que, condoido ja de meus pezares,
Hum feu filho me dè, que, mendigando,
Me leve pela maõ aos Patrios Lares?
Sou do mundo o efcandalo; pois todos
Saõ furdos para mim: nem minha Efpoza
Me quer acompanhar, terna, e piedoza:
Mas quem fabe qual foi o feu deftino?
Livrai-a vós, oh Deozes jufticeiros,
Daquella impia mulher, monftro ferino.

Porcia ao baftidor.

Por. He certo o q̃ temi: Numes, foccorro!
Infeliz Belizario!

Bel. Quem me chama?
Que doce voz he efta!

Por. Oh Ceos! Eu morro!
Entoffa-fe no baftidor.

Bel. Porcia, Porcia, minha alma, onde te efcondes?
Es tu, ou te fingio meu penfamento?
Se és tu, meu bem, porq̃ me naõ refpondes?
Mas tua voz com a minha leva o vento:
Nem ja por Belizario Porcia clama;
Nem Belizario he ja quem Porcia chama:
Para efta parte o écco laftimozo,
Me pareceo foar. *procurando-a.*

Por. Ceos! Onde eftou?

Bel. Oh Porcia amada?

Por. Oh infeliz Efpozo! *dá-lhe a maõ.*

Bel. Menos tiranna he ja minha defgraça;
Se obtenho o bem da tua companhia.

Por. No peito o coraçaõ fe defpedaça,
Com taõ vehemente dor! A luz do dia
Ja naõ vez, Belizario? Aos meus olhos;
Com a perdá dos teus, Efpozo caro,
Jamais ferá o dia alegre, e claro.
Oh tiranno Monarca!

Bel. Naõ profiras
Contra o Regio decoro huma palavra.
Juftas foraõ commigo as fuas iras:
E ponderando bem na fua offenfa;
Foi mais pia, que afpera a Sentença.

Por. Para o Cezar fer récto, era precizo;
Que tu foffes hum réo de grandes culpas?
Se innocente tu és, como divizo,
Para que a crueldade lhe difculpas?

Bel. O Juiz pela prova fó conhece
O réo, ou o innocente:
E julgando-os por ella, fempre he jufto:
A prova contra mim foi taõ vehemente,
Que inda adoro piedozo o noffo Augufto;
Por me deixar, em crime taõ funefto,
Gozar da minha vida o trifte refto.

Por. Ah Efpozo infeliz! Tua paciencia
Póde enfinar ao mundo a ter nos damnos
A mais pura conftancia.

Bel. O Ceo permitte
Os trabalhos dos mizeros humanos:
Os caftigos tambem faõ providencia;
Devemos abraçallos com paciencia;
Naõ quero mais do mundo, que a piedade
Do teu peito fiel.

Por. Sou tua Efpoza.

Bel Como foubefte a minha adverfidade?

Por. Na Torre de Palacio eftive preza,
Por Onoria tiranna, que a Narcete,
De defpenhar-me ao mar fiou a empreza;
Mas elle me livrou, e conduzio
Para efte efcuro bofque: e a dar-te conta
Do fucceffo fatal, logo partio.

Bel. Ah caro amigo! Amparo da innocencia!
O Ceo premiará tuas virtudes;
Como dignas da fua Alta Clemencia.
Se me queres guiar, Efpoza amada,
Fujámos defte fitio perigozo.

Por. Do teu lado ferei infeparavel:
Aqui tens minha maõ: Vamos, Efpozo.

Bel. Como mendigo, efmóla pedirei
Pelas mefmas eftradas, que triunfante,
E coroado de Louro ja pizei.
Oh lizongeira glória!
Illuzaõ dos mortaes! Naõ me perfigas;
Que naõ quero de ti, nem a memoria.
Hum pobre fou; para pedir nafcido:
Effe fauſto do mundo era empreftado;
Ja delle o mundo eftá reftituido.

Vamos, Porcia, triunfar do duro fado
Com a nossa constancia: os Camponezes
Nos daraõ com piedozo sentimento
Hum pedaço de paõ para o sustento.
Por. Este ornato pompozo trocar quero
Por hum pobre saial: Que melhor sorte
Teremos na humildade de mendigos,
Que nos fastos explendidos da Corte.
Bel. Vamos, meu bem.
Por. Vamos, amado Espozo.
Os dois. Os nossos passos guie o Ceo piedozo.

Sahe Filippe.

Fil. Onde encaminhas os passos;
Oh ingrata Porcia; julgas,
Que para guiar a hum réo
Te hei de permittir a fuga;
Por. Oh Ceos: Que funesto encontro!
Bel. Cresce a minha desventura;
Fil. Deixa o vil, e me acompanha
Para Palacio. Da culpa,
Que cõmettes, por seguir
Hum infame, contra a Augusta
Ordem, eu te livrarei.
Por. Tirano, naõ quero a tua
Pertençaõ; deixa-me, e parte.
Fil. A o teu juizo consulta;
Verás, que quem se associa
Com hum traidor, na sua injuria
Tem parte: foge á vileza;
Pois tens mais distinctas Nupcias.
Por. Naõ, Filippe, a acçaõ honrada,
E piedoza me estimula
A acompanhar meu Espozo,
Constante nas desventuras!
Vai tu gozar das grandezas,
Que te concede a fortuna,
Que eu pelo Espozo deixára
Do mundo a posse absoluta;
Quanto mais de hum monstro féro
A companhia importuna.
Bel. Filippe, se a compaixaõ
De humano, a teu peito illustra;
Naõ te lembres de quem fui;
Reflete só, que na tua
Prezença, tens humilhado *ajoelha.*
Hum cego, cheio de angustias,
Que por esmóla te pede,
Consintas, que a Espoza sua
Lhe sirva naste desterro
De guia piedoza, e justa.
Fil. Eu naõ respondo a hum infame.
Tu, Porcia, deixa loucuras:
Anda commigo. *puxa-a pelo braço.*
Por. Soberbo, solta-me o braço.
Fil. Repugnas!
Bel. Primeiro, ingrato, ao meu peito
Passa com a espada aguda,
Do que me roubes a Espoza:
Mata-me, féra iracunda.
Fil. Naõ se mancha em sangue vil,
Ferro, que o meu lado illustra;
Bel. Oh Ceos! Como permittis
Na innocencia tanta injuria;
Cruel: pois minha paciencia
Em iras trocar procuras,
Chega a os meus braços, verás;
Que a honra me incita a furia,
Para me satisfazer
Do rigor, com que me insultas.
querendo chegar-lhe.
Por. Detem-te, Belizario.
Fil. Ainda
Em taõ mizera penuria,
De traidor a horrenda infamia,
A soberba naõ te offusca?
Bel. Retira-te, Porcia, deixa
Vingar minha offensa, e tua:
Tiranno, chega-te a mim,
Que estes braços, que te buscaõ,
Inda saõ de Belizario.
Fil. Pérfido, se continúas... *quer chegar.*
Por. Que intentas, monstro horrorozo!

Oppondo-se, e sabe Narcete.

Nar. Filippe, que mais procuras
Deste desgraçado, que
Nas mudanças da fortuna;
Aos mais duros coraçoens
Póde abrandar de ternura?
Por. Ah Narcete! o teu amparo
Nos valha contra as injustas
Pertençoens deste tiranno.
Bel. Senhor, pois nas desventuras
Sois de infelices abrigo,
Fazei, que este impio naõ cumpra
Os intentos de roubar-me
A Espoza, que com fé pura
A suster o duro pezo

Dos meus trabalhos me ajuda.
Nar. Vai, e leva a tua Espoza
Comtigo; que a Lei Augusta
Naõ to prohibe; e quem to impede,
He por vontade absoluta;
Que offende o poder do Cezar,
Que violencias naõ desculpa.
Fil. Eu naõ disputo comtigo:
Vem, Porcia; ou da minha furia
Treme.
Por. Com teus ameaços,
Ja, soberbo, naõ me assustas.
Bel. Ah barbaro! Quem podera
Com minhas maõs....
Nar. Naõ prezumas,
Que eu ceda do empenho a que
A piedade me estimula.
Porcia, guia o teu Espozo,
Que assim do Ceo a Lei justa
To manda: O que de valor
Trago, com que vos acuda,
He esta bolça, e este annel: *dá-lha.*
Dádiva mui diminuta
Do dezejo: Acceitai, como
Sinal da amizade pura;
E neste infausto desterro,
A' vossa indigencia supprá.
E tu, se intentas seguillos,
Pondéra, que te aventuras
A passar primeiro pela
Ponta desta espada aguda. *impunha.*
Bel. e Por. Anime a teu braço heroico,
Do Ceo a piedade summa.
Nar. Ide em paz.
Fil. Eu dezespero:
Temerario, a espada impunhas
Contra mim;
Nar. Contra hum soberbo....
Fil. Assim vingo a minha injuria.

Ao investir, sahe Decio com Soldados.

Dec. Ohla, cercai as estradas;
Para que o réo nos naõ fuja.
Filippe a espada me entregue;
E Narcete restitua
Ja a sua ao lado.
Fil. Quem
Te deo essa ordem absoluta?
Dec. A Maõ Real.
Nar. Minha prompta
Obediencia a execúta *embainha.*
Fil. Tirar-me a espada!
Dec. Pondéra,
Que se entregar-ma recuzas,
Que tenho de vivo, ou morto
Levar-te à prezença Augusta.
Bel. Que será de nós, Espoza?
Por. Eu me sinto estatua muda:
Nar. Filippe, que mais esperas?
Naõ tens defensa opportuna
Contra as ordens Soberanas.
Fil. Todos os vís se conjuraõ
Contra mim; e o duro fado
As minhas idéas frustra.
Indigno, ahi tens a espada;
Ja que a minha desventura
Quer que naõ seja funesta
A quem hum Trono me uzurpa.
Dec. Guardas, lançai-lhe cadêas.
Fil. Ah soberbo! Assim insultas
A quem nasceo de Real sangue?
Dec. O Imperador, ás tuas
Queixas responderá logo,
Com a tua enorme culpa;
Levai-o.
Fil. Estou entregue.
Extingaõ-me as minhas furias.
Vai-se com os Soldados.
Dec. E tu, Capitaõ illustre,
Dos teus inimigos triunfa;
Vem a Palacio, que o Cezar,
Cheio de amor, e ternura,
Te espera.
Por. Ceos! A alegria,
Té me embaraça a pronuncia!
Espozo, vamos.
Bel. Adonde?
Por. A beijar a Maõ Augusta.
Bel. Ah Porcia! Estás delirante!
Naõ vês, que elle réo me julga?
Por. Naõ ouves, que elle te espera;
Cheio de amor, e ternura?
Bel. Commigo fallavas?
Dec. Sim,
Comtigo fallo; e me escuta:
Manda o Cezar, que os teus bens,
E honras, te restituaõ:
Vem, Capitaõ, possuillas,
Ainda que em sórte escura;
Mas a preclara innocencia,

Com que strepélas calúnias;
He mais precioza, que a vida;
Pois honra, e gloria te illustra. *Vai-se.*

Nar. Vamos, estimado amigo,
Que os Deozes naõ se descuidaõ
De vingar os innocentes. *Vai-se.*

Pro. Oh que improviza fortuna!
Naõ me mateis alegrias:
Pois o naõ fez desventuras.
Vamos, meu querido Espozo.

Bel. Oh do Ceo Bondade Suma!
De faltar às vossas Leis
Pagaõ meus olhos a culpa:
E porque a minha memoria
Naõ sinta de infame a injuria,
Quereis, que as honras do mundo,
O mundo me restitua:
Vossa providencia adoro:
E vós, sede testemunhas,
Que dessas mundanas pompas
Ja naõ quero couza alguma;
Antes dellas fugirei,
Porque outra vez me naõ fujaõ. *Vaõ-se.*

SCENA ULTIMA.

Sala com Trono. *Justiniano, e Onoria.*

Ono. Logo, sossos os réos, eu, e Filippe;
Qual impio te enganou, Justiniano,
Culpando de infieis a tua Espoza,
E seu triste Sobrinho desgraçado;

Just. Os traidores perversos, que souberaõ
Enganar-me, e fazer-me impio, e tiráno,
Foste tu, e Filippe.

Ono. Eu!

Just. Sim, perjura:
E's o monstro maior, que entre os humã-
noa
Nasceo, para ruinà da innocencia;
E exemplo horrorozo de malvados.
A'quelle mesmo, pérfida, que amavaõ;
E te deixou, por ser fiel Vassallo,
Me fizeste apagar as bellas luzes,
Com que resplandeciaõ meus Estados;
Da tua impudicicia, testemunhas,
Defensoras fieis do meu aggravo,
Foraõ aquelles olhos innocentes,
Que vistes, por honestos, arrancados;
Qual deve ser, traidora, o teu castigo,
Se eu mesmo o naõ descubro! Naõ; por-
que acho,
Que a tua vida he leve recompensa
Da perda, que experimento em Belizário.
Como te has de livrar, Féra da Ircania,
Da justa accuzaçaõ?

Ono. Tudo isso he falso.
Quem me accuza he traidor; socio do in-
fame:
A innocente sou eu; elle o culpado.

Just. Queres saber quaes saõ as testemunhas?
As tuas mesmas Damas; que chorando
As desgraças de Porcia, e seu Espozo,
Descobrir me vieraõ teus enganos:
Lesbia, e Tirse, te viraõ, sem que as
visses,
Tirar das maõs de Porcia aquelle infausto
Papel, que o seu amante lhe mandára,
E me fizeste crer, que a ti foi dado.
Felinta, e outras mais, juraõ, que inda
hontem
Nas tuas joias tinhas o retrato,
Que ao infeliz tirei; que para perda
Dos seus olhos, os tinha entaõ fexados;
Esta mesma te vio, acautelada,
Sahir naquelle instante do seu quarto,
Em que dormindo o achei: Em fim, ti-
rãna,
Por accuzador tens todo o Palacio.

Ono. Mas todo seduzido, e mentirozo,
Procura arruinar-me: e tu, ingrato,
Dás credito, em deslustre de hũa Espoza;
A coraçoens malevolos, e falsos!
Ja tua maõ naõ quero, nem teu Trono:
Da promessa te absolvo: que mais grato
Me será o supplicio dos traidores,
Que ser mizera Espoza de hum tirãno.

Just. Ah fingida mulher! E que bem dizes!
Hum tiranno sou eu, que allucinado
Do enganado amor, com que te cria,
Escandalozo me fiz de todo o humano.
Naõ bastava a teus zelos furiozos
A vil satisfaçaõ do féro estrago
Do amigo mais fiel; mas até Porcia
Das tuas iras foi despojo infausto!
Que mal te fez a mizera donzella,
Para a matares! dize!

Ono. Qual falsario
Extinguilla me vio?

Just. Pois onde a tens,

Qui

Que inutilmente a buscaõ por Palacio:
Ono. A o mar se despenhou, dezesperada
De com hum vil a teres despozado,
Em discredito seu.
Just. Melhor disseras,
Que, só para vingar zelos malvàdos,
A lançaste no mar; a testemunha
Mais forte dos teus erros sepultando.
Ono. Ja naõ posso soffrer tantos opprobrios!
Manda á minha prezença, Justiniano,
Os vis accuzadores,

Sabe Porcia.

Por. De teus crimes
Eu sou a accuzadora.
Ono. (Oh duro fado!
Entregou-me Narcete. Ah fementido!)
Just. Oh Deoza! Porcia!
Por. Eu sou, meu Soberano;
Que, para me livrar desta inimiga;
Busco aos perigos meus, em ti sagrado
Just. O susto desafoga, que te opprime:
Naõ temas a cruel: que em teu amparo
O teu Monarca tens. Dize, aleivoza:
a Onoria.
He esta a que da Torre de Palacio
A o mar se despenhou, dezesperada
De a ter com hum infame despozado?
Ono. Deixa-me, ingrato, e crè o que qui-
zeres.
Just. Seus erros justificaõ o desmaio,
Que observo em seu semblante: dize, Por-
cia,
Como escapar pudeste dos tirannos
Rigores dessa fèra?
Por. Ahi vem Narcete,
Que melhor to dirá.
Ono. (De furias bramo!)

Sabe Narcete.

Nar. Senhor, naõ quer o Cèo, que por mais
tempo
Traiçoens se vos encubraõ: fui mandado
Por Onoria, lançar no mar a Porcia:
Crendo que em prometter-me honras, e
cargos,
Para sequaz da sua tirannia
Tinha meu coraçaõ contaminado.

Just. Basta, Narcete! o coraçaõ se opprime,
De ouvir tantos delictos! Belizario
Onde está, que naõ vem?
Por. Humilde espera, que licença lhe dès.
Just. Ide buscallo.
Por. Eu vou, Senhor,
Assim o faz, e o conduz pela maõ.
Apressa-te a beijar
Do nosso Augusto a maõ, Espozo amado.
Bel. Meu Invicto Senhor ..., Guia-me,
Porcia,
A's suas Regias plantas.
Just. Ceos! Que assalto
De amor, e compaixaõ pulsa em meu pei-
to!
Triste amigo! conter naõ posso o pranto!
Belizario, aqui estou,
Bel. Oh Graõ Monarca
Do Imperio do mundo dilatado!
Deixa q̃ hum triste, e ja deforme objecto
Da inconstante fortuna, imprima os labios
Na tua Maõ Real.
Just. Onoria, observa:
Aqui tens o horrorozo, e grande lauro
Da tua vil perfidia. Vê que triste
Espectaculo està, funesto, e infausto:
Nelle repara bem; e depois chama
A conselho do teu coraçaõ falso,
Os indignos affectos.
Ono. (Ja me falta a intrepida constancia.)
Just. Belizario!
Belizario infeliz! Querido amigo!
Ao coraçaõ te aperto com meus braços;
Perdoa-me, que tarde conhecesse
Tua candida fé, para meu damno.
Bel. Oh doces expressoẽs! Inda mais doces,
Que as luzes que perdi! Aos duros fados
Os estragos perdoo, pela gloria
Do meu credito ver ja restaurado.
Just. Vè, perfida mulher, o mais virtuozo,
E o mais illustre Heróe dos meus Estados,
Cego, por huma cega: e inda naõ banhas
De lagrimas as faces! Em pedaços
Teu coraçaõ naõ fazem teus remorsos
Nos teus erros perversos contemplando?
Indigna és de piedade: e serás sempre,
Inevitavel cauza do meu pranto.
Por. Ah, Onoria infeliz! Eu me condóo
De ver, que a taõ funesto, e pobre estado
Te chegaraõ teus zelos!
Ono. Atrevida!

Tem

Tem compaixaõ de ti: Se eu confisdo
Naõ tivera de hum vil minha vingança.
Viria completar meu desaggravo
Na tua morte: Em fim, mais naõ me encubro:
Sou mulher vingativa: monstro raro,
De quem o nome na futura idade
Horrorozo ferá entre os humanos.
Eu fube triunfar do mais famozo
Vencedor dos Exercitos contrarios.
Belizario he innocente; Eu fou a ré:
Que fe efpera a punir-me: Confeffado
O meu delicto eftá: morro contente,
Pela minha vingança.

Juft. Eu fatisfaço
Teus dezejos fataes: efpera hum pouco.
Effe aleivozo réo, trazei, foldados.

Sabe Decio, que traz Filippe entre cadeas, com foldados.

Fil. Que mais queres de mim, cruel Monarca?
Aqui tens, durros ferros arrojando,
Huma infeliz, de quem as efperanças
Voavaõ fobre o Trono dos Romanos;
Ja por terra as lançafte, com affronta
Do meu fangue Real.

Juft. Ouve-me, ingrato:
E vós todos me ouvi. Efte perverfo,
Efquecido da honra de vaffallo.
Efta carta efcrevo ao Chefe indigno *moftra-lha.*
Dos Efquadroens rebeldes Africanos:
Nella lhe facilita, ou lhe faz certa
A entrega defte Imperio: mas o honrado
Ormonte, Capitaõ deftas Conquiftas,
Defcobrindo a traiçaõ, dos fublevados
Grande parte extinguio; prendeo o Chefe
E me inviou a carta defte infano.
Vè fe conheces bem a tua letra. *moftra-lha.*

Fil. Hum coraçaõ em furias abrazado,
Para fatisfazer-fe tudo emprehende.

Nar. Que audaz!

Dec. Que foberbo!

Bel. Que temerario!

Juft. Dá-me, pois, tua maõ, fiel amigo:
E fe para flagello dos contrarios,
Me falta a tua efpada, naõ me faltem
Para reinar, os teus confelhos fabios:
Como meu companheiro; e como Augufto
Ao Trono fobe ja: que com mais fafto
De explendor, e grandeza fe fublima,
Pelas tuas virtudes occupado:
Seja a primeira Lei, que demos hoje,
A que a pena decida dos culpados.

Bel. Senhor, a tua offerta generoza
Acceito, reverente; mas com tanto,
Que me has de permittir, q̃ eu fó Impére
Sobre o teu Sólio nefte dia faufto.

Juft. Nas tuas maõs ja cedo a autoridade
De governares fó: Meu Regio Lauro
A tua fronte cinja. Obfervai todos
Seus Decretos Reaes, que Belizario
He hoje o voffo Augufto: E ja depondo
O Ceptro, como vós, fico vaffallo.

Sóbe Belizario ao Trono.

Fil. Inda mais efta injuria!

Por. Ardem de inveja!

Bel. Attende-me, oh Invicto Juftiniano;
E todos me attendei: Filippe, e Onoria
Por mim, qual voffo Cezar, ficaõ falvos
Da pena capital, ou affrontoza.
Efte he, oh amadiffimos vaffallos,
Meu unico Decreto, que vos dou,
No dia, em que fui voffo Soberano.

Ono. Ah, que elle me envergonha!

Fil. Eftou confuzo!

Nar. Oh alma generoza!

Por. Oh, Efpozo caro!
Quem deixará de amar tua virtude!
Voffos erros chorai, chorai, ingratos,
Quando naõ pela dor de arrependidos,
Pelo pejo, e horror de envergonhados.

Juft. Que injufta compaixaõ: Penfa o que fazes,
Em livrar os réos.

Bel. Ou o que mando
Deixa cumprir, Senhor, ou tua offerta
Recuzo ja, e me feras ingrato.

Dec. Todo o Povo confente.

Juft. E eu ja cedo:
Livres fiquem da morte: mas com tanto,
Que naõ poffaõ mais fer dos innocentes
Rigorozo flagello os feus enganos:
Gozem embora os dias, que lhes reftaõ,
Em carceres efcuros encerrados:

Os

Que assim tuã piedade tens cumprido,
E minhas Leis em parte dezaggravo.
Bel. Vivaõ, em fim, aborrecendo a culpa,
Que innocentes seraõ.
Just. Guardas, levai-os.
Fil. Oh Deozes! o perdaõ, o pejo, e a culpa
O coraçaõ me partem em pedaços. *Vai-se.*
Ino. Sobre as minhas idéas te remontas
Nesse elevado Trono. Ah Belizario!
Mais que a tua piedade hoje quizera
De meu féro delicto o cadafalso!
Minha injuria decanta a tua gloria;
E ja vejo, com rosto envergonhado,
Que he maior do que a minha iniquidade,
Tua excelsa virtude; a morrer parto. *Vai-se.*
Bel. Dá-me, Espoza, a tua maõ; que eu ja deponho
A Grandeza Real. Justinianó,
Desce do Trono.
Ahi tens o teu Solio: O Ceo piedozo
Te conserve ao teu povo immensos annos
Sempre alegre, e feliz: Ja consegido
De meus triunfos tenho o maior lauro;
He tempo de cuidar naquella gloria,
Para que saõ nascidos os humanos:
Vou viver com meus Pais, e minha Espoza,
Em doce paz.
Por. Sim, meu Espozo, vamos:
Gozemos da innocente sociedade:
Naõ nos enganem mais da Corte os fastos.
Just. Naõ me deixes, amigo, em quanto a vida
O Ceo me conservar: fica reinando
Igualmente commigo.
Bel. Ao mesmo Ceo
Prometti deixar pompozos cargos:
Consente-me a partida. Em toda a parte
Teu nome adorarei, humilde, e grato;
E para te servir com honra, e zelo,
Em Narcete te deixo hum Belizario.
Nar. Oh honrador illustre da amizade!
Permitte, Senhor, que acompanhando
O vá, té o deixar na Patria cara.
Just. Sim, permitto: Querido amigo, oh quanto
O mundo fallará destes successos;
Tuas bellas virtudes decantando!
A gloria lograrás tu de innocente;
Mas eu o feio nome de tiranno.
Bel. Naõ o temas, Senhor: dirá que justo
Punias hum malevolo culpado;
Dirá, que o meu semblante era de réo;
Mas de innocente o coraçaõ preclaro.
As balanças, que Astréa na maõ rege,
Naõ pezaõ coraçoens; e he justo, e sabio
Quem o rigor das Leis conserva inteiro,
Para temor, e paz de seus vassallos.
Dá-me outra vez a maõ, Cezar, e a Deos;
A Deos, soberba Corte de Bizancio;
Illustres Cidadaõs, Povo, e Guerreiros;
A Deos: ficai em paz, q̃ eu ja me aparto;
E vos peço, por ultima piedade,
Que, como testemunhas deste cazo,
Honreis minha memoria, defendendo
Minha bella innocencia de malvados:
Que assim entre os vindouros, glorioza
A cegueira fareis de Belizario.

F I M.